

PARA TODOS...

ANO XIII — NUM. 662

Rio de Janeiro, 22 de Agosto de 1931

PREÇO : 1\$000





AS TINTAS PARA CABELOS E ALGUNS CONSELHOS POR A. DORET

Não são as tintas para cabelos que satisfazem quem as emprega. Nem sempre são loufadoras.

Outra tintura fica esverdeada no fim de poucos dias, tal outra toma no cabelo a cor de vinho tinto, bastante desagradável aos olhos; esta é preta demais, resaca o cabelo, alisa o que é ondulado, faz mais velha a pessoa que a emprega, dá a fisionomia um ar severo e triste ao mesmo tempo.

Trinta anos de experiência, de estudos, de aplicação deram-me uma certa autoridade para falar nisso.

Nenhuma casa de cabeleireiro, em qualquer país que fosse, quer na Europa ou na América, atingiu o grau de perfeição ao da casa Doret. Tenho no meu estabelecimento clientes de todas as nacionalidades que atestam a superioridade de meus produtos.

A's pessoas que não possuem vir ao meu estabelecimento, às pessoas longe do Rio de Janeiro, recomendo nunca tingirem os cabelos de preto; é melhor acastanhá-los que colorir o branco de preto. Isso, além de ser mais natural, mais fácil será, mais higiênico.

Recomendo a todos o fluido Doret para acastanhar ou alourar o cabelo, este produto é dez vezes menos forte que a arma exigida, não queima os cabelos e é um excelente desinfetante.

Para recoloração do cabelo empregai o meu Henné pure Doret, para obter o louro bastará apenas 5 a 10 minutos de aplicação, para o bronzeado 1/2 hora, para o castanho escuro, uma hora e meia.

As pessoas que querem escurecer os cabelos para castanho escuro devem empregar o Tonico Déesse n. 12.

Para qualquer caso particular é bom consultar A. Doret e seguir seus conselhos e garantia de bom êxito.

A Casa A. Doret recomenda suas manicures, seus produtos incomparáveis para a beleza da pele e cabelos, seus modelos de penteados, estudados para cada pessoa, os cabeleireiros da casa Doret são verdadeiros artistas.

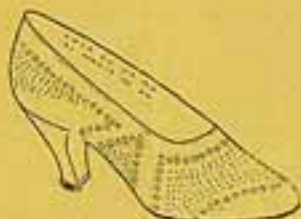
Ondulação permanente, Marcel, Misemplus, Soins de Beauté.

A. DORET cabeleireiro — Rua Alcindo Guanabara n. 5-A — Telefone 2-2431 — Rio de Janeiro

CASA GUIOMAR

CALÇADO "DADO" — A MAIS BARATEIRA DO BRASIL

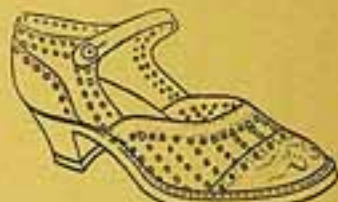
O EXPOENTE MAXIMO DOS PREÇOS MINIMOS



35\$ — Em fina pellica envernizada, preta, pellica marron, ou naco branco lavavel, salto Luiz XV, cubano alto.



35\$ — Fina pellica preta envernizada, naco branco lavavel ou pellica marron, Luiz XV, cubano alto.



30\$ — Em naco branco lavavel, pellica marron, ou pellica envernizada preta, salto mexicano.



Superior pellica envernizada preta, tipo bataclan, salto baixo.

De ns. 28 a 32..... 21\$000

" " 33 a 40..... 23\$000

Em naco branco mais 4\$000.



Fortissimos sapatos tipo alpercata proprios para escolares em vaqueta preta ou avermelhada.

De ns. 18 a 26..... 8\$000

" " 27 a 32..... 9\$000

" " 33 a 40..... 11\$000



Superior alpercata de pellica envernizada preta, toda debruada, artigo garantido.

De ns. 18 a 26..... 6\$000

" " 27 a 32..... 7\$000

" " 33 a 40..... 8\$000

Porte 2\$000 sapatos, 1\$500 alpercatas em par

CATALOGOS GRATIS

Pedidos a Julio N. de Souza & Cia., Avenida Passos, 120, Rio — Telep. 4-4424

SELECCIONADOS

Cabelleireiros:

A. DORET — R. Alcindo Guanabara, 5 — Tel. 2-2421
 AMERICO — R. Sete Setembro, 86-1* — Tel. 2-1181
 ERITIS — R. Uruguayana, 78 — Tel. 2-2608
 BOTAPPOLO — R. S. Clemente, 34 — Tel. 6-1594

Manicures:

CASA ERITIS — R. Uruguayana, 78 — Tel. 2-2608
 Mme. CAMPOS — R. Sete Setembro, 166 — Tel. 2-1701
 A. DORET — R. Alcindo Guanabara, 5 — Tel. 2-2421

Pedicures:

MIGUEL BRAGA — R. Quitanda, 79-1* — Tel. 4-5502
 GONZALEZ J. — Gonçalves Dias, 78-1* — Tel. 2-5416
 MOLEDO — R. Uruguayana, 21-1* — Tel. 2-4126

Massagistas:

ACADEMIA SCIENTIFICA DE LISBOA — Av. R. Hebe, 124-1* — Tel. 2-4658
 MARCOARIDA BRANDT — R. Marq. Abranches, 109 — Tel. 5-1170
 Mme. CAMPOS — R. Sete Setembro, 166 — Tel. 2-1701

Penteadores:

FLEURY FELICEN — R. Sete Setembro, 40-1* — Tel. 4-2367
 JULIO DUARTE & C. SOARES — R. Sete Setembro, 123-1* — Tel. 2-5306
 LONGOBARDI AUGUSTA — R. Carioca, 12-1* — Tel. 2-1551

Institutos de Beleza:

LUDOVIC — R. Ouvidor, 164-1* — Tel. 2-2504
 Mme. CLEMENT — R. Uruguayana, 72-2* — Tel. 2-1510
 ISABEL RAMOS — Av. Alm. Barroso, 1-812 — Tel. 2-8558

Joalherias:

OSCAR MACHADO — R. Ouvidor, 192 — Tel. 4-2367
 KRAUSE & Cia. — R. Ouvidor, 192 — Tel. 2-9044
 LUIZ DE REZENDE — R. Ouvidor, 116 — Tel. 2-9010
 MAPPIN & WEBB — R. Ouvidor, 100 — Tel. 4-0483
 CASTRO ARAUJO — R. Ouvidor, 188 — Tel. 2-9218
 CASTRO LENTE & Cia. — R. Ouvidor, 140 — Tel. 2-9029

Calçados:

CASA DO BASTOS — R. Uruguayana, 19 — Tel. 2-2616
 A EXQUISITA — R. Gonçalves Dias, 62 — Tel. 2-1387
 CASA OUVIDOR — R. Ouvidor, 171 — Tel. 2-3872
 CASA ABRUNHOSA — R. República do Peru, 101 — Tel. 2-0276
 CASA NORAH — Av. Passos, 39 — Tel. 4-2647
 CASA GUIOMAR — Av. Passos, 120 — Tel. 4-4424
 CASA RIVER — R. República do Peru, 48 — Tel. 2-5477
 BOTA FLUMINENSE — Av. Passos, 123 — Tel. 4-5962
 GALLO & Cia. — R. S. José, 69 — Tel. 2-3545
 GATO PRETO — R. Vis. Maranguape, 9 — (Lapa) — Tel. 2-4556
 A SEDUCTORA — R. Uruguayana, 46 — Tel. 2-2223
 A PREDILECTA — R. Uruguayana, 60 — Tel. 2-2123
 CASA FERHAZ — R. Uruguayana, 34 — Tel. 2-0655

Chapéus:

CASA LEBLON — R. Gonçalves Dias, 15 — Tel. 2-1540
 MARIA MAGRA — Ouvidor, 155 — Tel. 2-6353
 CASA CASTRO — R. Uruguayana, 11 — Tel. 2-2234
 PEREIRA DE SOUZA — R. Gonçalves Dias, 4 — Tel. 2-4832
 RIGOR DA MODA — Sete Setembro, 185 — Tel. 2-3679
 RACCAHINI, IRMÃS — Av. Rio Branco, 106-1* — Tel. 2-1193
 MARIE CAMILLE — Av. Rio Branco, 123 — Tel. 2-2700
 JUDITH MOURA — Av. Rio Branco, 177 — Tel. 2-1047

Perfumarias:

HAZIN — Av. Rio Branco, 103 — Tel. 2-3746
 LOITES — Av. Rio Branco, 124 — Tel. 2-2928
 LOPES — Praça Tiradentes, 21-23 — Tel. 2-0648
 LOPES — R. Uruguayana, 44 — Tel. 2-0539
 CIRIO — R. Ouvidor, 182 — Tel. 2-9249
 HORTENCE — R. Sete Setembro, 123 — Tel. 2-5675
 KANITZ — R. Sete Setembro, 127 — Tel. 2-0637
 PERESTRELLO — R. Uruguayana, 66 — Tel. 2-4094
 RAMOS SOBRINHO — R. Quitanda, 89 — Tel. 2-4571

Casas de Meias:

CASA DAS MEIAS — R. Uruguayana, 154 — Tel. 2-4909
 CASA OLGA — R. Uruguayana, 190 — Tel. 4-0218
 CASA SOUTO — R. Sete de Setembro, 92 — Tel. 2-2342
 CASA STEPHAN — R. Uruguayana, 12 — Tel. 2-8424
 MOUSSELINE — R. Gonçalves Dias, 39 — Tel. 2-1252
 MOUSSELINE — R. Uruguayana, 20 — Tel. 2-1489
 MEIA PAULISTA — R. Uruguayana, 18 e 26 — Tel. 2-1489

Armarinho (miudezas):

CASA GONÇALVES — R. Sete Setembro, 165 — Tel. 2-3558
 PARC ROYAL — R. Ramalho Ortigão — Tel. 2-3064
 BARBOSA FREITAS & Cia. — Av. Rio Branco, 136 — Tel. 2-0315
 Mme. ROCHE — Av. Rio Branco, 104 — Tel. 4-2159
 CASA RATTO — R. Gonçalves Dias, 47 — Tel. 2-8529
 CASA MACHADO — R. Gonçalves Dias, 45 — Tel. 2-3548
 A SAMARITANA — R. Ramalho Ortigão, 18 — Tel. 2-0583
 A SILHUETA — R. Sete Setembro, 147 — Tel. 2-3093

Fazendas:

PARC ROYAL — Largo S. Francisco — Tel. 2-3064
 NOTRE DAME — R. Ouvidor, 182 — Tel. 2-9050
 CASA ISIDORO — R. Sete Setembro, 39 — Tel. 2-1754
 CASA DOS TRES IRMÃOS — R. Ouvidor, 160 — Tel. 2-9444
 CASA SUCENA — Av. Rio Branco, 76-86 — Tel. 4-0404
 FAZENDAS PRETAS — Av. Rio Branco, 141 — Tel. 2-3527

Modas e Confecções:

A IMPERIAL — R. Gonçalves Dias, 56 — Tel. 2-1296
 SALGADO ZENHA — Av. Rio Branco, 145 — Tel. 2-3012
 A MODA — R. Gonçalves Dias, 20 — Tel. 2-1468
 FAZENDAS PRETAS — Av. Rio Branco, 141 — Tel. 2-3527
 PARC ROYAL — R. Ramalho Ortigão — Tel. 2-3064
 AGUIA DE OURO — R. Ouvidor, 169 — Tel. 2-9139
 A VOGA — R. Ouvidor, 161 — Tel. 2-9043
 AO GRAND PALAIS — R. Sete Setembro, 119 — Tel. 2-4230

Rendas e Bordados:

CASA CASTRO (Bordados) — Sete Setembro, 175 — Tel. 2-1443
 CASA GABY (Bordados) — Ouvidor, 176 — Tel. 2-0925
 Mme. ROCHE (Bordados e Rendas) — Av. Rio Branco, 104 — Tel. 4-2159
 PINHEIRO & IRMÃS (Bordados) — Gonçalves Dias, 57 — Tel. 2-1301
 VIEIRA DA SILVA & Cia. (Bordados) — Sete Setembro, 143 — Tel. 2-1220
 A VALENCIANA (Rendas) — Av. Rio Branco, 152 — Tel. 2-2954
 CASA FLORENÇA (Rendas) — Av. Rio Branco, 158 — Tel. 2-8808
 CASA VENEZA (Rendas) — Av. Rio Branco, 117 — Tel. 4-2479

Luvax e Leques:

CASA FORMOSINHO — R. Ouvidor, 136 — Tel. 2-9134
 LUVARIA GOMES — R. Ramalho Ortigão, 28 — Tel. 2-2459
 CASA CAVANEILLAS — R. Ouvidor, 178 — Tel. 2-9465
 CASA SERRANO — R. Gonçalves Dias, 14 — Tel. 2-4920

Flores:

CASA FLORA — R. Ouvidor, 51 — Tel. 4-2247
 CASA FLORA — R. Gonçalves Dias, 67 — Tel. 2-4486
 CASA JARDIM — R. Gonçalves Dias, 138 — Tel. 2-2852
 FLOR DE LIZ — Av. Rio Branco, 175 — Tel. 2-5681
 FLORICULTURA BARBACENA — R. Assembléa, 113 — Tel. 2-3122
 ARTE FLOREAL — R. Gonçalves Dias, 17 — Tel. 2-8260

Peleterias:

PELETERIA BRASIL — Praça Governadores, 2 — Tel. 2-4972
 PELETERIA CANADA — R. Uruguayana, 21-1* — Tel. 2-4827
 PELETERIA LEIPZIG — R. Gonçalves Dias, 75-1* — Tel. 2-2496
 PELETERIA SIBERIA — R. Ouvidor, 135-1* — Tel. 2-0059

Cintas:

CASA SCHAYE — Av. Gomes Freire, 19 — Tel. 2-1074
 CASA MORAES — R. Assembléa, 107 — Tel. 2-2418
 MODELO LUIZ XV — R. Ouvidor, 177 — Tel. 2-9208
 LUIZA TUPY — R. S. José, 104-4* and. — Tel. 2-1436



Lindos dentes!...

O elogio, que todos gostariam de ouvir, pela uma linda dentadura, além do encanto que dá a quem a possui, é a prova mais cabal de uma saúde perfeita e trato aprimorado.

Evite a cárie, as gengivas descarnadas e o mau hálito, usando a

PASTA ORIENTAL

(Basta um centímetro sobre a escova seca).

Como complemento use ainda

O ELIXIR DE SAÚDE "ORIENTAL"

que vos proporcionará um paladar agradável, garantindo a assepsia da mucosa bucal e das vias respiratórias.



Grafologia

AVISO

Temos inutilizado inúmeras cartas, umas escritas em papel pautado, outras não assinadas com o nome legal, e outras finalmente a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e ditem de enviar outros pedidos regularmente assinados em papel liso. O pseudônimo só é permitido para respostas.

IDINHA (Caxias) — Temperamento um tanto diverso do da sua irmã, sem deixar de ter, entretanto, alguma

originalidade. É mais expansiva, franca, talvez egoísta, o que se presuppõe ser ciumenta. É também pessimista e aquele ponto negro no final do traço com que firma sua assinatura é característico. Boa menina, finalmente, cheia de inteligência e graça natural.

LUCITA (Caxias) — Espírito fino, delicado, aristocrata, cheio de nobres sentimentos, elevação de idéas, generosidade e um pouco de natural orgulho. Caráter de muita independência, sabendo agir por si, arcando com a responsabilidade dos seus atos e resolvendo as questões de um golpe incisivo e rápido como o corte da inicial do seu nome de família.

LUIZ (Manhumirim) — Caráter indeciso, tímido, apesar de ambicioso,

cheio de altas aspirações, desejos de ser "algu". Espírito artístico, amor à poesia e à música. Delicadeza, sensibilidade exaltada, dedicação, lealdade. LULÔ (Petropolis) — Seu pedido já foi atendido. Não ha nenhuma alteração apreciável. A mesma teimosia, apesar de ser bondosa, gentil e franca.

Quanto ao horoscopo que manda pedir queira, se dirigir ao Dr. Sabe-tudo d'O Tico-Tico que é quem sabe também dessas "altas" questões de astrologia.

G. LIP (Poços) — Franqueza, retidão de caráter, ordem, pontualidade.

Moda e Bordado

NÚMERO DE AGOSTO À VENDA

lealdade, são as principais características da sua grafia. Tem ainda senso artístico e pendor para as letras. É bondoso e cheio de generosidade com um pouco de orgulho do seu eu moral. Personalidade bem marcada, o que se vê do traço com que firma seu nome de família.

DIPLOMATA (S. Paulo) — É muito delicado, atencioso, amigo das

ASTHMA

O Remédio Reyngate para o tratamento radical da Asthma, Dyspnéas, Influenza, Deffluxos, Bronchites, Catarrhaes, Tosses rebeldes, Cansaço, Chiados do Peito, Suffocações, é um MEDICAMENTO de valor, composto exclusivamente de vegetaes.

É líquido e tomam-se trinta gotas em agua assucarada, pela manhã, ao meio-dia e á noite, ao deitar-se. VIDE os attestados e prospectos que acompanham cada frasco.

Encontra-se á venda nas principais PHARMACIAS, DROGARIAS e PERFUMARIAS DO BRASIL.

AVISO — Preço de um vidro 12\$; pelo Correio registrado, 15\$000. Envia-se para qualquer parte do Brasil mediante a remessa da importância em carta com o VALOR DECLARADO ao Agente Geral J. DE CARVALHO — Caixa Postal n. 1724 — Rio de Janeiro.

PARA TODOS...

comodidades, do luxo, das grandes viagens confortáveis. Tem bastante iniciativa própria, alegria de viver, coragem, ambição bem orientada. Um tanto reservado não deixa transparecer seus pensamentos nem seu modo de sentir. Cauteloso e algo original.

ITA (Rio) — Bondade, doçura, gentileza, sentimentos altruísticos e nobreza de alma. Muito suscetível por qualquer coisa menos delicada sente que se melindra seu amor próprio. Um pouco melancólica, preocupada, pelo menos no momento de escrever as frases gentis que enviou no cartão cor de rosa. Naquêle momento não via o mundo por um prisma da mesma cor do cartão...

WANDICA (Rio) — Imperiosa, genio forte, independente, cheia de tei-

UM NOVO LIVRO

"BERGAMINI"

pela

Dr. Ernesta Weber

EM TODAS AS LIVRARIAS

mosia, não admitindo que prevaleça opinião diversa da sua. Quer ficar sempre com a última palavra nas discussões, e, embora não tenha razão, exclama: "Disse, está dito e acabou-se!" É decidida, franca, de poucas palavras e de ação pronta e enérgica. Sabe querer e sabe fazer com que sua vontade seja respeitada.

VESTA (D. Boa Esperança — Minas Gerais) — Bastante franca e enérgica sem excluir a bondade e doçura naturais da sua índole afetiva. Muita força de vontade, energia creadora, intelligencia, amor às artes e ao estu-

do. Economica e prudente em resolver assuntos de importancia. Alma bem formada, cheia de meiguice e afeto.

MLE DE STAEL (Minas) — Alma solhadora de artista e poetisa, mesmo sem ter nunca escrito uma quadra rimada. Cerebro fantasista cheio de ideais, de quimeras e castelos que se vão construindo à força de sua

imaginação fecunda. Amiga da leitura e dos bons autores, delecta-se no convívio dos livros.

D&A (Minas) — Temperamento um tanto semelhante ao antecedente, apenas com um pouco mais de personalidade e independencia pouco se lhe dando a opinião alheia a seu respeito, desde que esteja satisfeita com a sua consciencia. A forma de grafar o "ll" uma especie de "dar de ombros" em

PARA TODOS... em Minas



Senhoritas Elza, Octaellia e Odellia, da sociedade de Conceição do Rio Verde — Minas.

M CASA e STEPHAN



Só as da
CASA
STEPHAN
nos preços, qual-
idade e varie-
dade. Só vende-
mos Meias per-
feitas e garan-
tidas. — Rua
Uruguayana, 12.

Para o interior, os mesmos preços da capital.

GYRALDOSE

para a hygiene intima da mulher

Excelente producto, que não é tóxico; des-
congestionante, anti-
leucorrheico, resolu-
tivo e cicatrizante.
Odoz muito
agradavel. Em-
prego continuo
muito economi-
co. Dá um bem
estar real.

Clatchin
Farmaceutica dos
Hospitais de Paris,
2, 4, de Valenciennes,
em Paris, e em todas
as Pharmacias.



Antiseptiza
e perfuma

Paris, 8, Avenue
de Med. de Paris
11 de Oct. de 1912

Approuvé pelo Dis-
partamento Nacional
de Saúde Publica de
Rio de Janeiro.
Nº 1426, 24 de Junho
de 1926.

O SEGREDO DE JUVENTUDE
A GYRALDOSE dá a graça e a saúde

Depositaríos exclusivos no Brasil:

ANTONIO J. FERREIRA & Cia. — Uruguiana, 27 — Rio

OLYMPIO MATHEUS

ADVOGADO

RUA DO ROSARIO, 85 - 1º and.

TELEFONE: 2-1224

característico do gosto que acompanha a
trase dos franceses: "Je m'en fiche..."

TACO (D. Boa Esperança — Mi-
nas Gerais) — Pela sua letra vê-se
que é um emotivo e sentimental, su-
gestionavel, nervoso, caráter maleavel,
acomodaticio. Ha um sinal que indi-
ca superstição, amor ao misterio, às
situações complicadas e embaraçadas.
Intelligencia mediocre. Pouco cultivado
intellectual.

TRISTÃO DE ISOLDA

Dr. Olney J. Passos

OPERAÇÕES — PARTOS

Molestias de senhoras — Diater-
mia — Ultra Violeta — Diater-
mo-coagulação. Das 3 em diante.

Rua S. José, 19. — Tels.: 3-0702.
Res. 8-5013.



Tres gotas
Liquido para metais

Kaol

3 GOTTAS
FAZEM BRILHAR
OS METAES COMO
UM ESPELHO.



Henry Q. Williams, Ilusionista, prestidigitador e ignotista, que em breve estreará nesta Capital.



MOVIEIS DE ESTYLO

DECORAÇÕES
E TAPEÇARIAS FINAS

Luxo - Elegância - Conforto

CASA BELLA AURORA

Rua do Catete - 78-80 e 108

A maior e melhor casa desta capital
Fabrica propria a Rua São Christovão nº 43

PARA TODOS

Rio

22 — VIII — 1931



R E C E P Ç Ã O
em casa do doutor Peixoto de Castro

São Sebastião



Benção da nova igreja



O povo esperando a procissão



O Vigário Geral rezando a ladainha



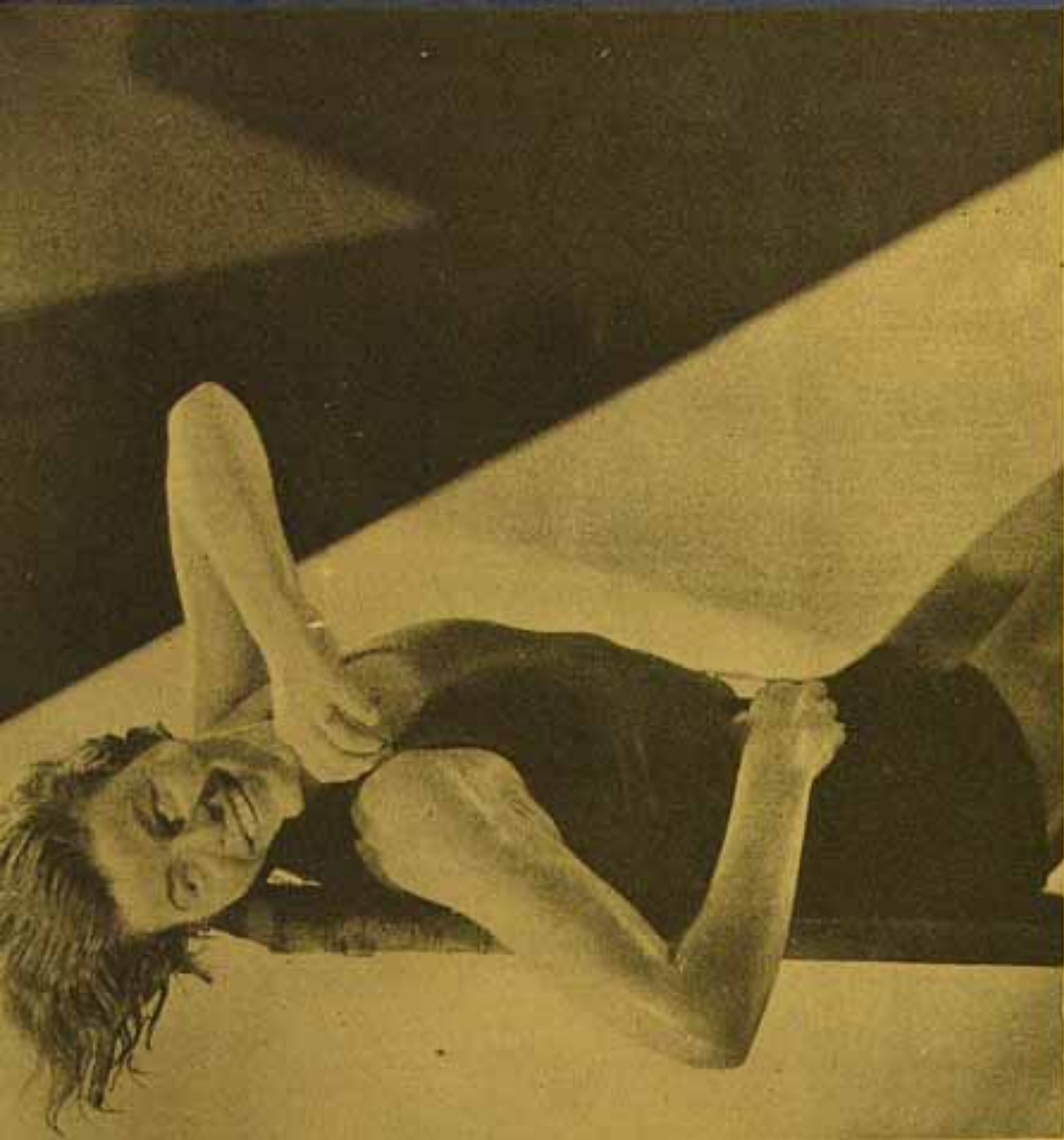
A benção em torno da igreja

O sermão do Conego Henrique Magalhães

Sabado e domingo
15 e 16 de Agosto
de 1931



A chegada da procissão á igreja



agnes geraghty

a maior nadadora do mundo

TAMBÉM ele... Quem haveria de imaginar! Era tão macambuzio — tão metido consigo mesmo — tão preocupado sempre com a pouca coisa que representava na vida! E, entretanto, apesar de seus trinta anos irreparáveis de amanuense, sempre preterido, sempre resignado, tinha, como qualquer um de nós, o seu romance!

Todas as manhãs, antes de se fazer igual-a-todos, sem que ninguém suspeitasse, dava-se cinco minutos de ilusão — cinco minu-

tos escrupulosamente contados — quando acertava o seu velho relógio, diante da pequena "vitrine" de uma casa de joias de seu subúrbio.

Dentro daquela loja modesta, onde brilhavam ouros falsos e pedras de mentira,

lá no fundo, como uma gata borralheira, disfarçada em vinte e quatro anos louros de uma mulher, morava a Felicidade.

Era aquele o motivo de sua parada. Para ganhar um cumprimento e às vezes um sorriso. Era o momento de sua desbotada alegria. O pedaço bom de seu dia sem relevos. O motivo das outras horas em que estacionava na vida.

Isso havia seis anos. Descobrira-a por acaso, uma vez que se detivera, sem saber

ROMANCIE

porque, à "vitrine" daquela loja, escondida, como por vergonha, numa prela da rua. Talvez para imitar um semelhante que acertava o relógio — talvez por uma atração desconhecida, se é verdade que existem essas coisas de espírito.

Seis meses ensaiou o primeiro "bom dia". E, quando seus olhos, mais que seus pobres ouvidos, um pouco surdos, perceberam uma tímida resposta, começaram a achar — ele, um pessimista, um eterno preterido nas promoções — que a vida era bela!

o o o

Também nunca foi adiante.

— Bom dia.

— Bom dia.

Mas dentro dessas duas frases, a dele e a dela, construiu todo um longo romance. Naqueles cinco minutos de relógio, antes da vinda do bonde, vivia mais que qualquer desses materialistas do amor que necessitam das vinte e quatro horas do dia, e às vezes mais, para contentar os sentidos.

Ele não. Bastavam esses muitos segundos, entre as dez menos sete e dois para as dez. E também, para que mais? Nesta pequenina fatia do tempo, encontrava oportunidade para beijá-la, acariciá-la, e por vezes brigar com a mocinha loura. Tornara-se caprichoso, irascível, tirano mesmo... Mas tudo somente em imaginação. Na realidade era apenas aquilo:

— Bom dia.

— Bom dia.

Uma vez mesmo, passara violentamente pela "vitrine" sem parar. Estava zangado porque no dia anterior a vira resfriada. Certamente saíra pela chuva sem levar agasalho!

Já no dia seguinte, perdoara tudo. E voltou:

— Bom dia.

— Bom dia.

o o o

Uma vez... (como essas coisas são tristes!) soube que a mocinha loura estava para se casar.

Será necessário descrever a onda amarga de ressentimento que se desdobrou, como numa explosão, dentro dos cinquenta e dois quilos de seu corpo franzino?

Para que? Basta a sua humilhação... E o desprezo que desde esse momento vo-

tou à sua ignóbil covardia.

Sim — porque se fosse outro homem, ele a teria matado, para vingar o ultraje de sua honra traida... Se fosse outro homem... Mas ele a amava ainda + apesar de tudo!

DE ACCIOLY NETTO

PERNAMBUCO E DAS ANQUINHAS E DAS MAXAMBOMBAS

OS cinemas e as pequenas do meu tempo. Fita romântica. Projeção antiga.

Calves não gostem de certas cabeças que foram moças também nessa época e hoje em dia se mostram ainda pretinhas, lustrosas, juvenis. Elas se esqueceram de encanecer. Natural! Há tanta falta de memória presentemente: o jazzbanismo em tudo faz o sistema nervoso cambalear. Olvidamos depressa o que dissemos, o que pensamos, o que fizemos na véspera, que dirá dos deveres impostos por mais de 40 anos vividos... Hein? Além disso, se os modos de ver, de parecer, se subordinam tanto e tanto à exigência do momento, não irá muito longe em se aparentar um resto de mocidade quando a velhice vem perto... Daí, o torcer-se o nariz, enfadado, fingir-se sono, ao ouvir-se falar, já não digo nas anquinhas nem na guerra do Paraguai, que na verdade não testemunhamos, mas no bondezinho de burros, no balão do José da Luz, puxadinho até no Zeppelin...

O passado é comprometedor... Depois, recorda uma dívida para com ele, e as dívidas são sempre importunas. Tendo-se o avião, por que falar na maxambomba? Sacudamos pedras na antiga condução para os arrabaldes... O gesto é perfeitamente humano. Não serve mais? Petéas nela. Comida a fruta, devolvemos os carochos. Já antigamente havia uns versinhos:

Trepe na bomba
Comi pitomba
Sacudi os carochos
Na maxambomba...

Se era assim outrora, quando não se "voava"...

Quem por aí se lembrará do cinema mudo? Parece que todos nasceram em pleno êxito do movimento. Não foi?

E, ao falar nêle, certamente o cronista tomará os ares do professor Jorge Cahú ao explicar o ponto da guerra do Peloponense ou o do Regime Feudal.

Mas, falemos, *malgré tout*.

Das invenções do século XIX foi a que caiu mais no gosto da gente do século XX. Um trabalhou para o outro fazer figura. Não é assim, quase sempre na vida? O norte-americano, no entanto, confessamos, soube fazer da tela com uma impecabilidade técnica, aula vivas, sugestiva, atraente, de alegria, de juventude, de reboição, de vibração, de... amor. Na atualidade, Ramon Novarro, Charles King, John Gilbert, Maurice Chevalier, sem precisar de nenhuma reforma do ensi-

no, passaram a ser respeitados professores de atitudes, de trajos, de costumes, de expansões, de divorcios... Da outra banda, Annita Page, Betty Compson, Greta Garbo, Bessie Lowe, Sue Carol, acendem as paixões platônicas dos rapazes sem chapéus e calças bocas de jacaré, num "faz de conta", como admiravelmente denominou Samuel Campello.

De tal maneira se integralizou o cinema com a vida atual que figura nos orçamentos domésticos ao lado do padeiro, do alfaiate, do cobrador da Tramways... Com uma predominância: não faz fiado. Nem atrasos nem calotes. Os bilheteiros do Parque, do Encruzilhada, do Real são insensíveis a desculpas de crise: pedem o dinheiro na frente. Se não... os olhos ficam privados de mirar aquelas *girls* inimigas dos vestidos, e os ouvidos não se deleitam com os fôxos atidores das pernas. E... as platéas se enchem. "Mata-se" até a conta da farmácia.

Como se chegou a essa jazzbanização do cinema? — indaga o nosso historiador Mario Mello. Coçamos a cabeça para explicá-lo. Mario Mello é exigente. Sem sermos titulados em história, só há um recursozinho: — meter o balde na cacimba da memória e abrir

modernismos, excomungara logo a invenção das figuras buliçosas:

— Artes do capêta! Não eu que veja esse pecado. Olhem os castigos de Nosso Senhor!

A verdade, no entanto, é que os recifenses arrancaram-se e foram admirar na tela um trecho movimentado de rua, um trem que corria, corria e vinha crescendo para a platéia, uma bailarina a pinicar o chão com os bicos dos pés... Surpreendente! Então, a dançarina!... Naquêles tempos uma bailarina oferecia o único meio honesto de se conhecer a qualidade das meias usadas pelas mulheres alheias...

— Não têm mais o que inventar, não, minha gente! Seria a frase de todos, na saída.

Cinema suco do meu tempo, foi, porém, o Hervé. No Santa Isabel. Cansa de 1902 para 3. Temporada formidável. Bondes e trens para todas as linhas depois do espetáculo... O velho Mafra suado de vender ingressos. Eu e o meu querido amigo José Raul de Moraes ajudamos bastante a empresa. Iamos para o camarote da polícia todas as noites. Vocês aí no Rio, se lembra disso, Raul? E as pequenas, hein? Lindas mesmo. Se não fossem as mães vígi-

as nossos "velhos jornais" para copiar... o que tantos outros diriam de improviso e com brilho, se quisessem...

O pai do cinema foi o Cosmorama. Os nossos vóvós iam espá-lo por uma orifíciozinho abertos num tabique forrado a chita japonesa. Extasiados, apreciavam lindas e coloridas vistas da Suíça, da Itália, do Egito, de Paris... Sobretudo, de Paris. Naquêles tempos tudo de bom, de sedutor, de bonito, vinha da capital da França. As modas, as sedas, os meninos, os costureiros, as cançonetistas, e também o "verde" com que se pintavam as casas e se suicidavam os namorados infelizes...

Fez tanto sucesso o Cosmorama que os anúncios apareceram em versos:

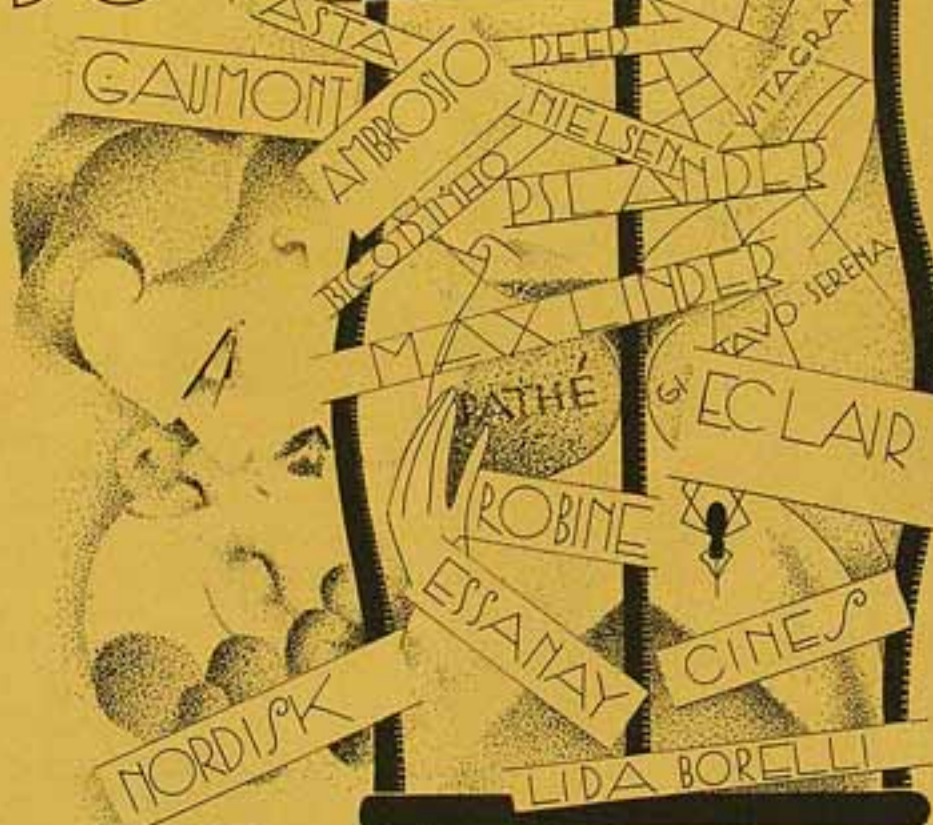
As vistas do panorama
Assim bonitas como são;
Tanto servem para passatempo
Como também de instrução.

Porém, os insatisfeitos de todas as épocas, já reclamavam:

— Eu queria era ver aquilo se mexer.

Mexeu-se mesmo. Hoje, com as fitas musicadas, mexe-se e remexe-se. As primeiras vistas animadas surdiram na rua da Imperatriz. O animatógrafo. Nome comprido e feio como um homem de bigode, de fraque e de chapéu de côco. Eu andava de calças curtas. Foi ver. Uma sala meio escura, meio misteriosa. Tive meus receios; lembrei-me de que, em casa, minha avó, adversária dos

OS CINEMAS E AS PEQUENAS DO MEU TEMPO



PO R MARIO SETTE

lantes e os papais de bengalas... Tempão! O teatro florido. Orquestra do Romen Dionesi tocando a valsa *Fingida*, de Nuno Guedes. Rapazes fardados da Guarna Nacional. Colôs sem sorte... Outros, de sorte, spanhando um sorriso, oferecendo uma flor, arriscando uma frasezinha... E, lá do paraiso, um estudante gritava:

— Negrada, oie êle!

Gosado!... José Lucio Ferreira... Ademar Tavaras... Manuelinho Fernandes... Oscar Amorim... estão comovidos...

O Hervé dava programas de muitas fitas porque fossem de poucos metros: — A lenda das Borboletas (colorida) — O último dia de um condenado (dramática) — Santos Dumont dando a volta da torre Eiffel (natural) — O Jardineiro caipora (comica). Houve uma película repetida a pedido: As Maxixeiras.

— Indecente! — protestava uma senhora, num camarote, virando a cara, rebitando o nariz, por ver o marido de binóculo em punho.

A indecência não passava do tango que se dança hoje nos salões elegantes. Ilusão de otica moral...

Sómente em 1909 tivemos o cinema permanente, por sessões. Na rua Nova, o Pathé. Luxuoso, agradável, convidativo. Concorrência assombrosa. Esperava-se vaga na calçada. Os pessimistas, como varejeiras, zumbiam:

— Aquilo não dura 2 meses...

— 211 Nem um!... Fogo de palha.

— Recife tem lá gente para ver vistas animadas todos os dias!

Abría-se meses depois o Royal. Em seguida o Vitória. Todos os três juntos. Assanhou-se o péga dos programas quilométricos: um prometia 10 fitas; o outro, 15. Um, 20, o outro, 25. Entrava-se no cinema às 6 horas, saía-se às 11. Um meu amigo passou por imenso vexame conjugal, chega a casa depois de meia-noite, fóra do costume. A mulher cresce de ciúmes, de raiva, de suspeita... Recriminações, zanga, lágrimas que só se transformaram em ternuras quando o marido se explicou: estivera no cinema; vira 32 fitas.

Que saudade!... Filmes da Cines, da Gaumont, de Ambrosio, da Eclair, da Nordisk. Italianas, francesas, dinamarquesas. O norte-americano ainda não dera um pio que prestasse. Pio que sempre prestou é o Fernando, meu companheiro na maxambomba. As "estrelas" e os "astros" do *écran* eram a Gabriella

Robini, a Lida Borelli, a Francesca Bertini, o Gustavo Serena, a Asta Nielsen, o Bigodinho, o Krauss, o Maciste, o Deed, o Max Linder, o Waldemar Paillander...

Paillander, — façam continência as "viúvas" de Rodolpho Valentino — Paillander foi o proto-propagandista dos beijos D... O... X... Quero dizer: desses beijos que, onde pousam, demoram. Precisa-se de uma ampulheta para contar-lhes a duração. Era danado na arte o galã dinamarquês. Vai, não vai, tome beijóca. A plateia esperava paciente o fim. Ninguém mais acreditou nos gelos escandinavos; nem o professor Dacio Rabello com sua religiosidade pela geografia. E o mestre explicava: "naquelas regiões o que ha muito são *geysers*. Se a coisa se passa dessa forma em Copenhague, que diremos da Groenlandia!

Quadros intuitivos, emotivos, passionais, alegres que passaram diante dos olhos das nossas pequenas: Quo Vadis, O Garoto de Paris, Cleopatra, A Filha do Faroleiro, Germinal, O Pequeno Jacques, Miseráveis, Atlantia, Últimos dias de Pompéia, Sangue de Boêmio, Odette...

As nossas pequenas!

Quantas estremecerão ao ouvir esse evocar de uma época distante. Uma rosa, um retrato, um postal, uma carta em papel rendilhado... voltam à memória. Sorriem no sossego do lar, tomando conta das filhas que namoram no jardim ou dos netos que brincam no terraço. Como se se mirassem num espelho retrospectivo, evocam, recordam...

Uma noite no Pathé... Gente muita... Tocavam lá dentro o pas de quatre "Caminho do Céu". Ela fóra com um vestido feito pelas Carmêlas. Figurino recolhido no último número da "Rainha da Moda". Blusa de fantasia, gola de fita bem alta, gravatinha com ponteiros de metal, mangas meio-braço com muita roda, saia esguia, comprida, tapando os sapatinhos de fivela, *mitaines* de fio de Escocia, relógio de ouro preso a um bróche no peito, cintura de hastil, zita repuxando-a para frente... O chapéu era um de palha de Itália, grande, desabado, com uma pluma vermelha, encimando o penteado de cachos, laborioso trabalho dos papelotes desde a vespera.

Áttila, graciosa, provocadora descera do bonde de Magdalena, na rua Nova. Julgava-se digna de um belo soneto. E mereceu-o mesmo: daquele academico de direito que a esperava á porta do Café Ruy, de jaquetão azul, de lapelas de seda, cortado pelo Melichereck; colarinho á Santos Dumont, oito centímetros de altura; meia cartola; bengala de junco; sapatos Walk-over, bigodezinho de pontas frisadas... Ele deu-lhe o soneto e depois o nome.

O poeta hoje ouvia o P. R. A. P., ao seu lado,

numa poltrona de couro, cara rapada, meio calvo, metido num pijama de riscas...

As nossas pequenas... As da rua do Hospício, as do Largo de Santa Cruz, as da rua Velha, as de São Gonçalo, as do Caminho Novo... Tantas!... A' noite, cada janela tinha a sua sentinela. Avistavam-se de longe os vultos dos "guardas" e as fitinhas nos cabelos em trança das "colôs"... Palavrinhas, sussurros, suspiros, arengas, por vezes mesmo uma imitaçãozinha do Paillander... — Onda-curta... Até que o "velho" chegava do plantão na farmácia, ou, de lá de dentro, mandava fechar a porta da rua. O apaixonado desatracava e ia por ali afóra, disfarçando, mexendo a bengala, assoviando, debaixo do olhar malicioso da vizinhança...

Quantos desses namorados de 20 anos passados encontramos hoje nesta Recife irrequieta dos Latés, dos Telefones, das datilográficas, das caixeirinhas, das normalistas... Os "contactos" agora de olhos, de mãos, de falas são a sós, nos bondes, nas esquinas, nos postes... No nosso tempo a coisa era mais apertada.

Ao cruzarmos com esses colegas de dantes, conferimos as nossas caras quarentonas, os nossos cabelos grisalhos, a nossa calva em progresso. Entram no Parque, saem do Moderno. Cinemas mudados, cinemas de *talkies*, *girls*, nus artísticos, beijos-goma arábica... Muitos deles trazem as esposas pelos braços e algumas delas não são as mesmas "colôs" das conversas de antigamente na rua do Aragão ou no Beco de Vêras.

Que foi isso? Deu o "côrte" na pequena? Levou forquilha dela?

Sosseguem... Ouçam o seu radiozinho tranquilos. Não lhes direi absolutamente os nomes. Ainda sou o mesmo camarada de dantes.

Guardemos, dentro de nós mesmos, a lembrança dessas pequenas, as pequenas dos cinemas de nosso tempo. Das que nos torceram os cotovéis, das que ficaram titias, das que vieram dar-nos nos lares um bocado bom de alegria, de afeto e de conforto no envelhecer.

Aquelas a quem chamavamos romanticamente de "ANJO DOS MEUS SONHOS" e de "DEUSA DOS CABELOS SOLTOS" com o mesmo apaixonamento e ternura com que hoje os nossos rapazes chamam as suas preferidas, futuristicamente, de "MINHA GAROTINHA SUÇO" ou "MINHA COISINHA DOIDA"...



PARA TODOS

O HOMEM ARTIFICIAL



ROBOT
FAZ UM
DISCURSO

ROBOT
EM
CENA



ROBOT
GRATO
AOS
APLAU-
SOS

ROBOT
AVIADOR



ROBOT
RECEBE
A
VISITA
DE
UMA
FEMINISTA



NASCEU
EM
PRAGA,
CAPITAL
DA
TCHE-
COSLO-
VAQUIA.
COME-
ÇOU NO
TEATRO,
CONTI-
NUOU
NA
VIDA,
QUEM
SABE
ONDE
IRA'
ACABAR!
E'
POR EM-
QUANTO
UMA
DAS
PERSO-
NALIDA-
DES
MAIS
IMPOR-
TANTES
DE
NEW
YORK.



DIDI CAILLET

Ela diz que é do Paraná. Já foi até Miss Paraná. Quando fala, parece mesmo que é. Mas, perto de Didi, ninguém pensa em geografia. Didi é do mundo, da vida, disto tudo. Começou declamando. Agora escreve. E escreve assim:

"Festa em funeral", um triste-lindo poema de Zolachio Diniz

Zolachio Diniz,

a sua "plaquette" "FESTA EM FUNERAL", é um triste-lindo poema de saudade!

É uma recordação dorida da creaturinha que, numa manhã nevoenta de Junho, surgiu entre arminhos e plumas, viveu entre sorrisos e perfumes e, qual "edelweiss" delicado, feneceu com o primeiro calor do verão!

"FESTA EM FUNERAL" é a dor, a angústia, a melancolia, que a saudade branda e perpétua fez brotar dum coração maguado que perdeu o seu tesouro, a sua alegria, o seu encantamento!

— Bendita dor, porém, que arrebenta em arte —
lágrimas que são perolas...

DIDI CAILLET

Pedaços de conversa

Forain, que morreu esses dias, estava num salão onde se falava da amizade. Nos salões sempre se fala nos ausentes. Perguntaram a Forain o que é que ele pensava da amizade. Ele respondeu:

— Só o homem tem amigos. A mulher tem apenas cúmplices...

O governo vai mandar trinta mil sacas de café para os flagelados do Norte. Para que? Eles não têm água!

As mulheres feias são terríveis. As bonitas também.

Deixe que se riem de você. É o sinal da sua diferença. Ninguém se ri diante do espelho.

Quando a gente fala a verdade, dá sempre a impressão de que não está falando sério.

No tempo do meu avô, um homem bom era um "santo varão", todos o amavam e respeitavam. No tempo dos meus filhos, um homem bom é "ropa", é "carça", é "arara", é "trouxa", é "besta", todos o exploram e desprezam. Como será no tempo dos meus netos?...

SAMUEL TRISTÃO



Paulo Torres

que acaba de publicar um livro de verdade: "Poemas Proletários".



Lauro Moutinho, escritor que a gente admira, homem que a gente quer bem. Fez anos no dia 18



Mais um lindo programa organizado por Véra Grabinska e Pierre Michailowsky, no salão Nicolas, Houve cinema, dança, canto, musica, poesia. Artistas grandes e pequenos. Cecilia Meirelles, Véra, Pierre, Corrêa Dias, Fritz, J. Octaviano, Elfrida Bastos, Gylsa de Castro, Mathilde Galeno, Elisa Sobral Gonçalves, Dôra Taveira, Hébe Nogueira, Véra Teykal, Luna Galeno,

As dansas no Brasil antigo



Senhorita Eros Volusia
que dançou.



Luiz Edmundo que fez a
conferencia, na Escola
de Belas Artes.
Senhorita Jacy Lobato
que organizou a parte
musical.



Festa da Criança

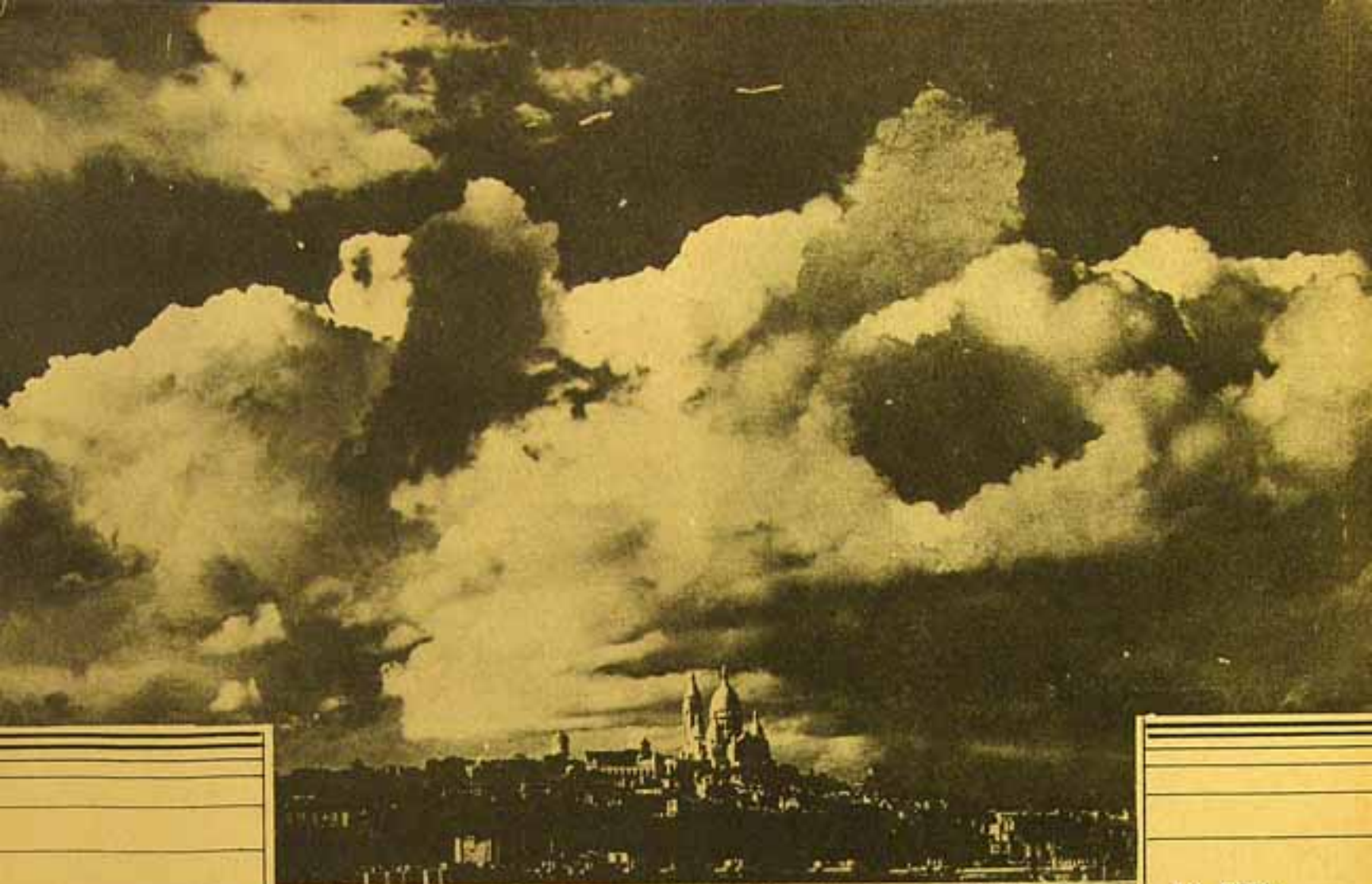
Arlette Gonçalves, Mathilde e Elvira Corrêa Dias, Syl-
vette Freitas, Véra Cruzeiro, Elena Moutinho, Oriette
Marcenaro, Lucy Cascardo, Lea Tavares, Branca Cas-
cardo Vianna, Dilma Côrtes, Elsa Porter, Lygia de
Castro Magalhães, Etelvina Rosa, Laura Assis, Nylza
Rocha e Marília do Rego Macedo.



PIOLIN

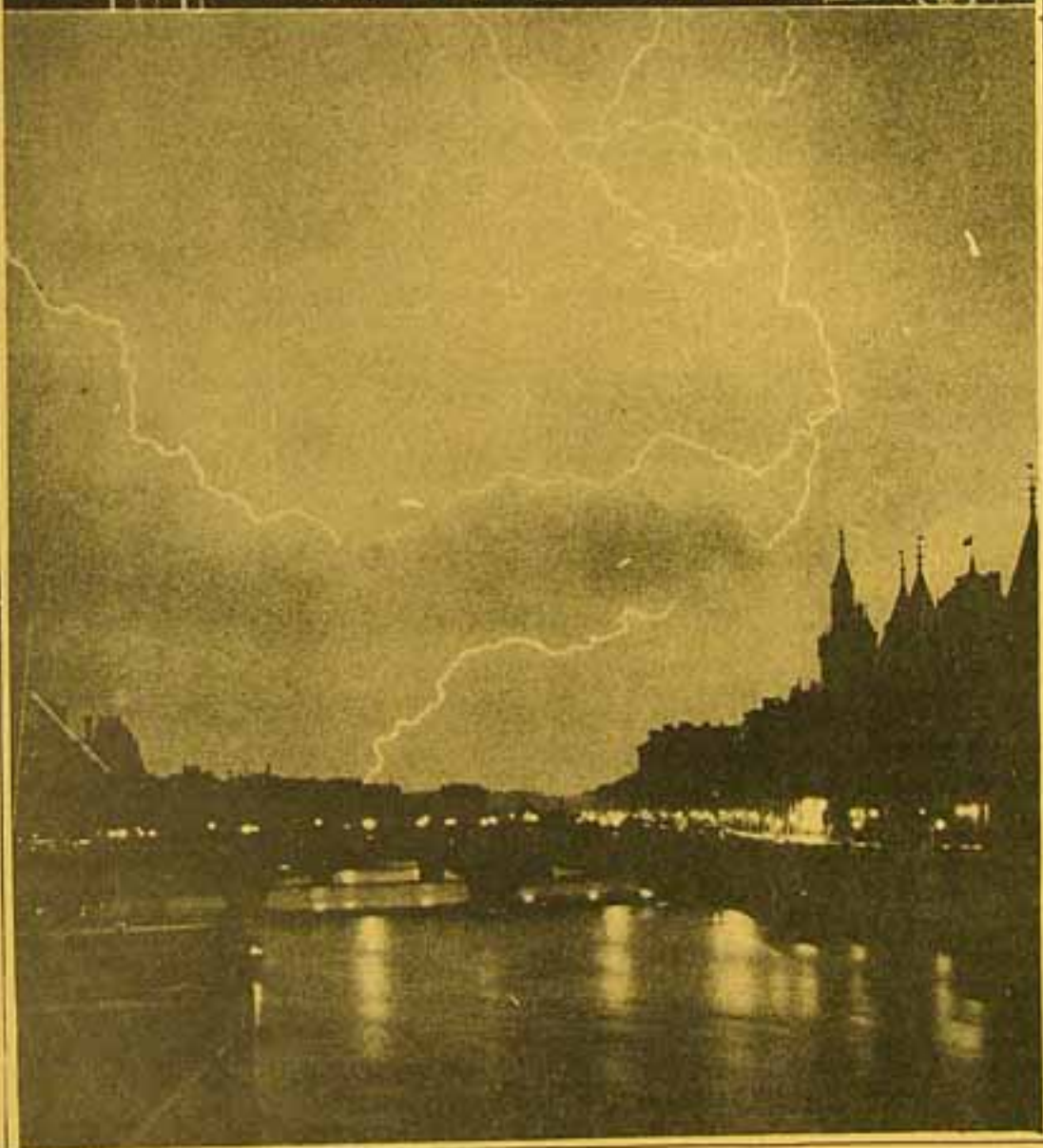
o nosso grande palhaço nacional.

(Desenho de Reis Junior)



EM CIMA:
AS NUVENS
ACUMULADAS
SOBRE
MONTMARTRE.

Uma
tarde
de
temporal
em
Paris



Em baixo
um raio
caindo
perto
de
Notre Dame

VAMOS para



RUBEN GIL

Secretario da Companhia Jaime Costa que vá fazer uma tentativa de teatro nacional

(Continuação)

Quando ele voltou um dia da trincheira, papai e mamãe tinham sido mortos por uma granada. E a noiva dele tinha fugido com um sargento americano. Talvez agora você tenha a curiosidade de saber por que é que depois disso eu me encontro neste hotel... Dê-me um cigarro... (Fuma) Que é que poderia fazer uma menina de 12 anos, assim sózinha no mundo, depois de tanta tragédia? Eu me lembro que fiquei chorando um dia inteiro, sem coragem de fazer nada. Mas no outro dia apareceu uma irmã de caridade. Vinha me buscar para um convento por ordem do meu irmão. E aos 20 anos eu ia ser freira. Ia fazer um juramento. Mas a idéia do juramento revoltava-me. Eu não podia jurar, porque a tragédia que eu vira aos 12 anos não se apagava da minha memória, e eu queria me vingar. A solidão do claustro aumentava dia a dia a minha tristeza. E eu sentia que não podia sofrer mais... O resto você compreenderá... E no dia em que as irmãs de carida-

de me esperavam para o juramento, auriam-se para mim em Paris as portas do "Moulin Rouge"... Recordo-me bem, tão bem... Era um quadro de nú artístico... Todos os binóculos assestavam-se contra a frescura da minha carne virgem... E eu sentia, não sei por que, uma sensação estranha... Depois...

Moacyr

Um romance...
Lisette
Tantos romances!...
Moacyr
Felicidade?
Lisette
A's vezes...
Moacyr
Agora, por exemplo?
Lisette
Podia ser muito mais feliz do que sou...

Moacyr
E por que não é.
Lisette

Por que me falta qualquer coisa... Uma intimidade que me faça pensar, um motivo que me faça perguntar, como a Margarida do "Fausto", desfolhando uma flôr: "Gostará muito de mim? Não gostará? Gostará?..."

Moacyr

(Querendo tocar-lhe na mão) E por que não pensa? por que não pergunta?

Lisette

Porque eu ainda não consegui o milagre de poder ver o coração dos homens por dentro...

Moacyr

(Metendo instintivamente a mão no bolso e tirando uma caixa muito elegante) Uma lembrança minha para você...

Lisette

Bombons? Como voce sabe que eu sou gulosa?

Moacyr

Por adivinhação. E sabe que são preciosos? Comprei-os a bordo de um vapor inglês...

Lisette

(Pondo a caixa sobre um lugar qualquer) Daqui a pouco vou devorá-los todos para me lembrar de você... (O telefone toca) Alô! Alô! E' Lisette, sim... Estou... Ora, meu amor... Sózinha, naturalmente... Muito bem: espero... (Desliga)

Moacyr
Algum amigo?
Lisette
Infelizmente, é o meu amigo...
Moacyr
Vai chegar agora?
Lisette
Nêste momento...
Moacyr
Acha que eu devo ir embora?

Lisette
Pelo menos parece prudente...

Moacyr
(Que parecia estar num 7. céu) Que pena!

Lisette
Não se zangue por isto... A vida não é como a gente quer que ela seja... (Dando-lhe o chapéu) Até...

Moacyr
...quando?
Lisette
Quando você quizer...
Moacyr
Então... até logo...

Lisette
Até logo... (e Moacyr sai, olhando com carinho para os bombons que ficaram sobre a mesa)

CENA XVIII

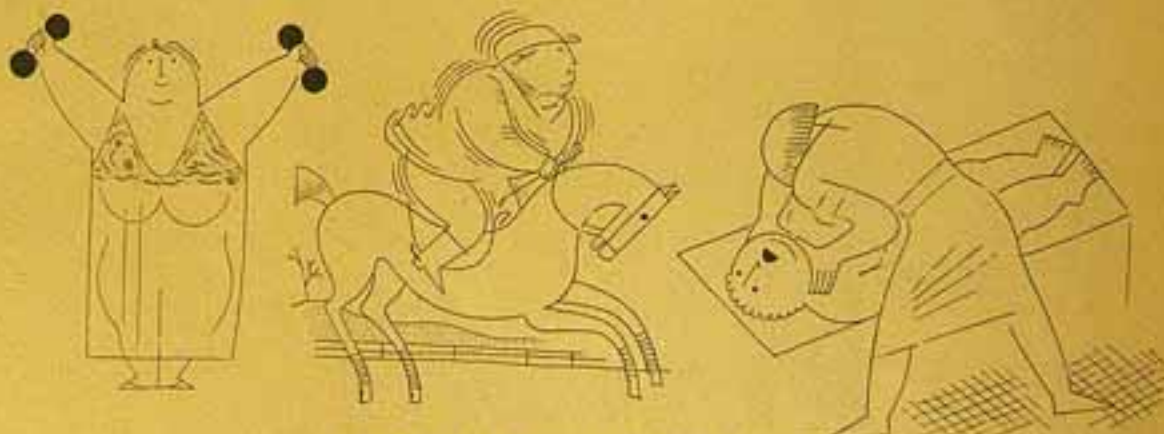
LISETTE, depois o **CORONEL**
(Lisette acende um outro cigarro e depois sai por uma das portas internas do apartamento. A seguir entra o Coronel, sem tirar o chapéu. Vê os bombons. Experimenta um. Demonstra que gostou. Come outro. Reparece Lisette.)

Coronel

Sim senhora! Que lindo pijama! E' em homenagem deste seu criado?

Lisette

Naturalmente, meu amor...



Dona Lulú faz tudo que é indicado para emagrecer.

AMOR

P E Ç A
E M
7 QUADROS
D E

**IBIRASIL
GERSON**

Coronel

Aqui parece que esteve alguém... Como se explicam estes bonbons?

Lisette

Esteve, sim, um rapaz. Trouxe-me estes bonbons...

Coronel

Hein?

Lisette

Um empregado de uma "bonboneière", que me veio oferecer esta nova marca de bonbons ingleses...

Coronel

Ahn... Isto é outra coisa...

Lisette

(Oferecendo-lhe um bonbon) Come... Não são uma maravilha?

Coronel

Não tanto como você, meu "bonbon" perigozinho... (e come um bonbon)

O homem que fala sozinho

(Que está na platéia, sem ser visto) Mas quanta gente, na vida, também não leva bonbons para os outros comerem...

PANO.

Fim do primeiro ato

QUARTO QUADRO

(Um café de *bas-fond*, à noite. Penumbra rubra. Uma mesa ao centro com algumas cadeiras)

CENA XIX

OLHO DE GATO, O
MALANDRO

Olho de Gato

(Está sentada, serzindo um pé de meia. E' uma mulher de 50 anos. Canta um estribilho qualquer)

O Malandro

(Entrando. Tipo de *caffen* de zona baixa) Boa noite. Olho de Gato! Arranje-me qualquer coisa para aquecer os ossos...

Olho de Gato

(Levantando-se para servi-lo) E o trabalho como foi?

O Malandro

Choveu muito na hora de agir. Ficou para amanhã. Dizem que o homem tem 30 contos no cofre...

Olho de Gato

Bôas falas... Quer dizer que vocês estão quasi arranjados...

O Malandro

E já não é sem tempo, Olho de Gato...

Olho de Gato

E a pequena?

O Malandro

Anda com histórias... Um sujeito falou-lhe em automovel, joias, apartamentos... Eu já recomendei: "Cuidado, menina... cuidado..."

CENA XX

Os mesmos e MOACYR

Moacyr

Boa noite! Dão licença?

O Malandro

(Fitando-o com certa desconfiança) Boa noite...

Olho de Gato

Bebe alguma coisa?

Moacyr

Absinto...

Olho de Gato

Não temos disso em casa. E' muito difícil...

Moacyr

Então um conhaque...

Olho de Gato

(Ao argentino) Você também quer?

O Malandro

E' claro...

Olho de Gato

Ah! esquecia-me: apresento-lhe o Malandro. Tem uns ares assim meio sinistros, mas é um "cara" distinto, de confiança...

Moacyr

Muito prazer...

O Malandro

Igualmente... Passeando, não?

Moacyr

Colhendo impressões...

O Malandro

(Examinando Moacyr) Ahn!... (Cospe para o lado) Impressões...

Moacyr

Negócios de mulher...

O Malandro

Não é negócio muito agradável, não. Alguma infelicidade?

Moacyr

Infelicidade, positivamente não...

(Continúa no proximo número).



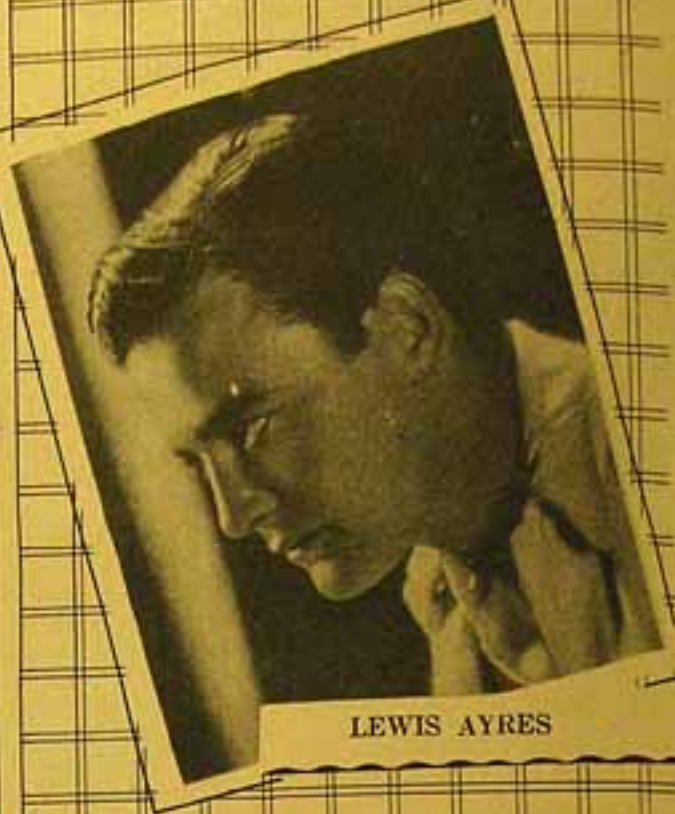
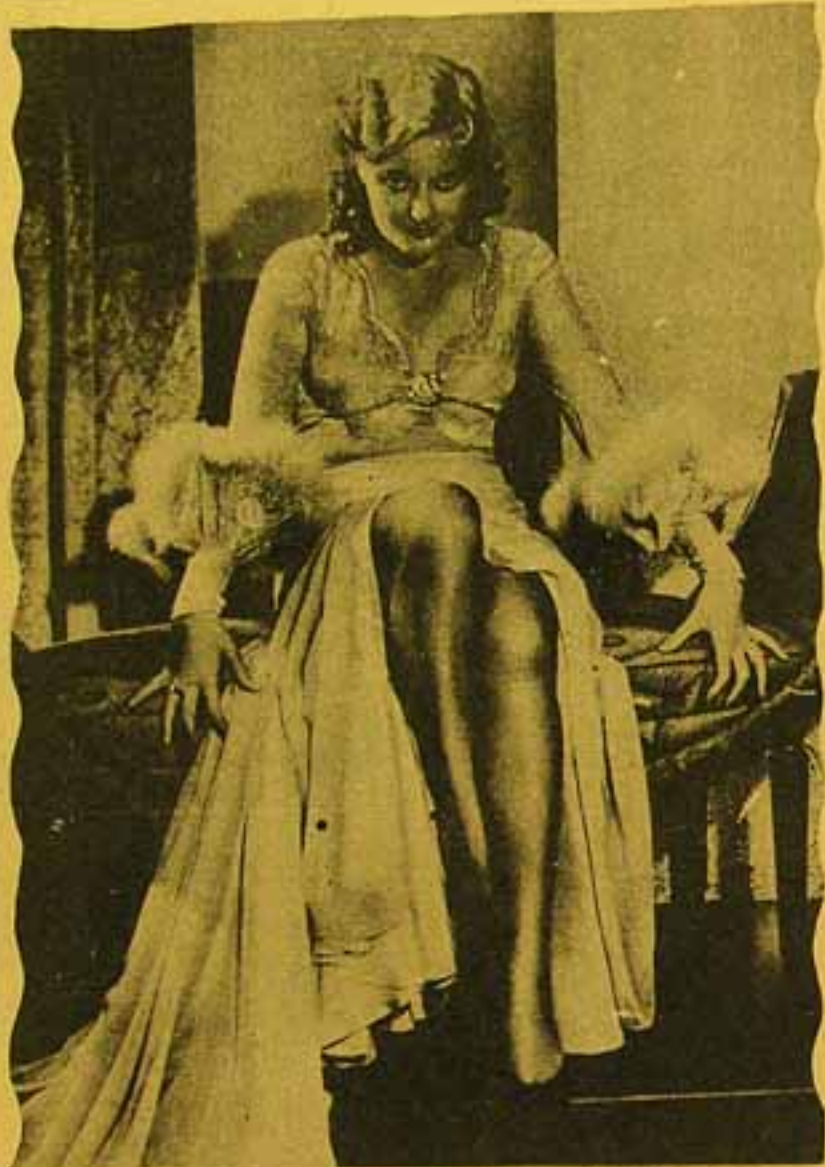
ALBERTO QUEIROZ

Diretor intelectual da temporada de comédia brasileira do Teatro João Caetano



Mas na hora das comidas
não quer saber de regimens

PARA TODOS...



LEWIS AYRES



INEMA

TELMA TOOD
E
MARY CARLYLE



Tempo bom de fazer anos...

Joyce e Wanda, gêmeas, filhas do casal Hugo Frederico Millar, tiveram no dia 14 a sua primeira festa de aniversário.



Pou pée

Si bemol dentro da gente. Solução de criança que desperta com o sol, para as alegrias de um dia luminoso e causticante. Menina e moça. Triste como o crepusculo. Meigaice em todo o olhar. Carícias suaves no sorriso. Beijos leves passeiam por sua boca... beijos de uma volúpia requintada, mas toda cheia de civilização. Sonhos pelos cabelos negros, em torno dos braços, nas mãos finas e macias... todo o seu corpo está velado de sonhos, de grandes sonhos de amor... Poupée! Um lago muito azul e cheio de sombras, impenetrável, cheio de uma porção desegredos... Poupée! Anda pela atmosfera das interrogações. Ignora muito, muito... até que tem um coração...

No Gremio Paraense, dia 15. Durante a festa que reuniu a colônia. Ao centro, o comandante R. da Gama e Silva.



— "Poupée!... O sol está alto. Enxugue suas lágrimas neste infinito panorama de ouro! Escute os sons barbaros da Vida, dentro de seu coração, e danse o maxixe do Amor ao compasso selvagem do Desejo! Gargalhe para esta manhã radiosa, que vem excitar seus nervos para a vibratibilidade da Luta! Cante com a Natureza in-

telra, mas sem peias, livremente, altisonantemente, o hino supremo do Amor!... Poupée! Deixe cair o véu branco dos sonhos e venha sentir o calor tonificante da realidade!... Poupée! Seja um samba dengoso e malcreado dentro da gente... um samba em si bemol, curvilíneo, dolente, embriagador, que faça para os sentidos uma festa abençoada, com visões de estrelas e cintilações de Felicidade!...

Job
Freire



Em cima: depois da recepção na Câmara Municipal do Porto, quando a embaixada do club da Cruz de Malta chegou à grande cidade de Portugal. Instantâneo do jogo na Povoia de Varzim: Bahianinho faz poeira, mas embrulha o valente poveiro, marcando o 9º goal.



Junto ao Monumento "Cego do Maio", na Povoia, portugueses e brasileiros posam para a foto.

Em cima, ao centro:

Primeiro encontro no Porto: Siska, o famoso guarda-redes, engole uma bola de Russinho.

(Fotos



Santa Cruzada
de Be-
nefi-
cência,
Porto



Em cima:

A escritora Dona
Ivetta Ribeiro,
na Associação
dos Jornalistas.

A esquerda,
aqui: a corava-
na do Vasco em
Braga, nas esca-
das do Bom Je-
sus. Em baixo:
na Câmara Mu-
nicipal do Porto.



Na ponte da Tropa,
a caminho de Braga



Rus-
sinho
e
um
inglês



O presidente Raul de Campos com os
seus rapazes, no Jameiro, a uma al-
titude de centenas de metros.
depois do almoço da Falperra: Bahianinho e um
vendedor de laranjas.
(Guilherme de Carvalho, Porto)



A esquerda: na
Povoa de Var-
zim: o dr. Ar-
mino Graça fa-
zendo entrega
aos cruzmaltinos
dum lindo ga-
bardete, oferta
dos clubes locais.

FOOT-BALL

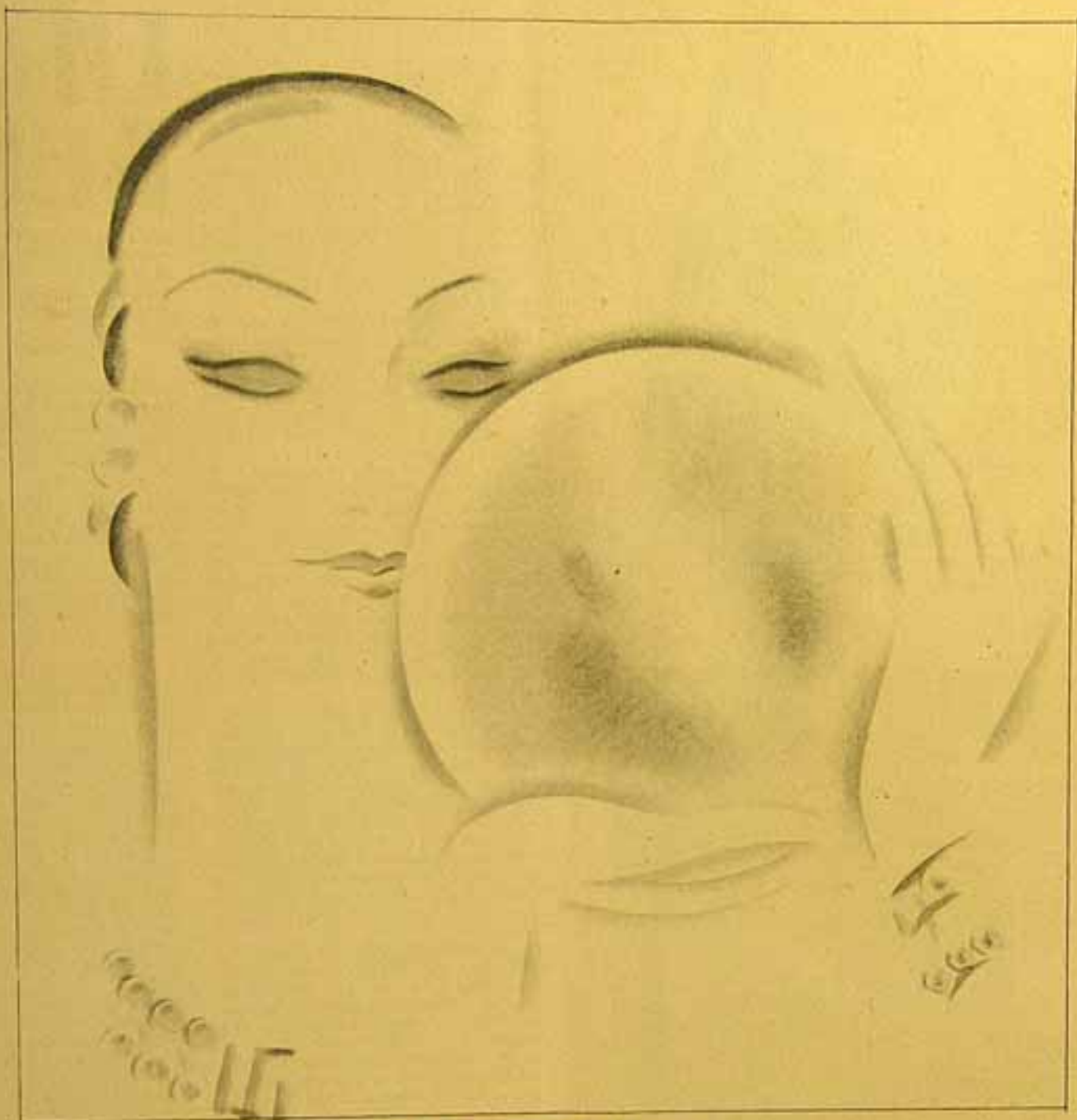


Instantaneos do encontro dos Balanos com os Cariocas, domingo, no estádio do Fluminense. A vitória foi dos Cariocas por 6 X 0.

R E G A T A S

Aspecto da encada de Botafogo, quando ia começar a festa anual da Federação do Remo, com a disputa dos campeonatos da cidade e das três classes de remadores.





LUCY

DE

ALVARO MOREIRA

EM geral as pessoas começam pelos olhos. São os olhos que se veem em primeiro lugar.

Ela era diferente das outras pessoas. Não se sabia onde começava. Depois de conhecê-la muito tempo, ninguém seria capaz de dizer o que vira antes naquela mulher. O próprio nome soava às avessas, tal qual se usa na Itália e em diversos países menos simples.

Tinha a cabeça castanha, as sobrancelhas pretas, as pestanas ruivas. Uma das mãos era quase morena, a direita. A esquerda, branquíssima. Os pés, pequenos, tão pequenos que os sapatos número 27 sobravam. Gostava de joias com pedras misturadas.

Perto do tornozelo, do lado em que a perna caía um pouco, trazia, si assim se pôde chamar: uma pulseira, uma pulseira fininha prendendo uma medalha minúscula com as iniciais J. N. R. J. Estas iniciais não queriam dizer como na cruz: Jesus de Nazaré Rei dos Judeus. Queriam dizer: Je Ne Rigole Jamais, Mas rigolava sempre.

Foi-se embora há tres anos. Acabo de receber carta d'ela. Está há tres anos em Hollywood, indecisa. Não sabe se deve ou não deve ser artista de cinema.

Todo mundo lhe aconselha que não.

E é exatamente por isso que continúa indecisa...

Mundo todo



A polícia inglesa dispersando os índios reunidos num comício nacionalista.



Chris-Craft, de 125 CV, em plena velocidade na Cap-Nat-tin, disputando um "record".

Archie, o apostolo da Índia, falando a multidão de Calcutá.



Archie, o apostolo da Índia, falando a multidão de Calcutá.



Danvila, primeiro embaixador da República Espanhola em Paris.



Annabella, artista cinematográfica, francesa, estrela nova.



Em baixo: o químico austríaco Ferdinand Ringer com o "fodora eterno", invenção dele.



O "fodora eterno" não é propriamente eterno, mas pôde ser usado e apagado seiscentas vezes.

A CORDEI tarde, ergui-me de um salto, vesti-me às pressas e fui ver que animação havia.

Ao chegar ao cães, entrei-me pela alma uma rajada de entusiasmo. O vapor bizarramente armado em arco, apresentava risonho aspeto de festa. Moças em quantidade. Com seus vestidos leves, lá estavam, esparramando olhares aos rapazes, que, como travessas crianças, andavam, — pula aqui, salta ali, — da terra para a prancha, da prancha para o tombadilho.

Assaltaram-me impetuosos de associar-me à caravana que partia em busca de lavados ares e aspetos novos. Não era mais possível. O vapor começava a espantear as grandes rodas e momentos após, ao som da música e ao flutuar das bandeiras, lá se foi, rumo fóra, riscando nagua um largo sulco de espuma.

Lembrei-me então do outro, — o que seguia às dez. A's nove e meia, — com receio de perder aquele regalorio, em boa intimidade, — já me achava munido do cartão que gentilmente me concedia o direito de partir e voltar. Sentia um bem estar extraordinário, lembrando-me do consolo que ia dar aos nervos atrofiados pela sensaboria da cidade e das boas e ineditas impressões que traria para recordar depois.

A manhã estava como se fosse de encomenda: convidativa e radiosa. Céu e rio serenos.

A bordo havia o mesmo bulício, a mesma animação do outro. O riso franco casava-se com o ruidoso vozear dos passageiros. Na tolda, numa roda de endiabrados rapazes, fui encontrar o tipo azougado do Zequinha Meio Kilo. Um ratão rechonchudo, com cara de anjo a tocar trombeta. Batoque, — seis palmos e pico, jovial, trocista, espécie de espanta tristezas, fazendo rir com sua grotesca figura e as réplicas sempre prontas, no afiado da língua. Só ele deu sota e az e bom humor a todos.

— Você não cresceu, — dizia-lhe um dos tais, — mas isso não o deve apouquentar, pensando nas vantagens que pôde auferir: — fura por toda a parte, gasta menos fazenda e, como é pequenino em tudo, faz grande economia.

— Cala essa boca, menino. Não gastes palavreado feio que aí vão senhoras, que, apesar de estarem a rir, são sérias. Não cresci no corpo, é verdade, mas vou crescendo na idade. Já vê pois, que o que falta de um lado, sobra do outro e no final, tirando a prova, dá certo. Vocês não cansam a língua, mas eu de pé canso o preterito e vou procurar lugar para o pôr a comodo.

— Que vem a ser isso de preterito, ó Zequinha?

— Muita atrasada está a instrução no nosso meio! Então o que é que vocês aprendem nessa fabrica de fazer bachareis se ainda ignoram a existencia de um sujeito que vive com a gramatica desde que ela se meteu a educar o mundo?

— E tomando ares catadaticos, explicou:

— Preterito vem do latim, — preteritus, e é aplicado a tudo aquilo que fica atrás.

Original e unico, aquêl dez réis de gente!

Dai a pouco, dentre os passageiros, partiu um ruidoso grito de alarma:

— Lá está Belem!

Foi uma algazarra doida. Correram de bombordo a estibordo, todos queriam ver, gosar a luz do vivo sol, a perspectiva do panorama que apresentava a nova freguezia, sentada à beira rio, sobre um vasto lençol de branca areia. Arcoas, colonatas de folhagens, pospostadas de flores variadas, se estendiam em renque, ao longo da

EM BELEM

praia, dando realce à paisagem e encanto à vista. Crianças, moços, velhos, pretos e brancos, — um cavalo, outros a pé, apro-

ximavam-se do improvisado trapiche para a recepção dos que chegavam. Trocavam-se cumprimentos, saiam exclamações de surpresa e júbilo:

— Venham de lá esses ossos...
— Ah! os tens.
— Não te esperava mais.
— A pequerrucha cá está...

Entre o rancho das meninas, borbulhava também a ansiedade. Curiosas, esticando o pescoço, espriavam para dentro do vapor, tendo o coração aos saltos:

— Viria?
— Não viria?
— Não o vejo.
— Ah! lá está ele...

Coravam, enrubesciam, com extrema satisfação, ao darem com os olhos nos olhos do bem amado. Uma delícia, um encanto, — só visto, — cronicado, perde de todo o sabor e a graça.

Ao pôr o pé em terra, caí nos braços de um camarada, velho amigo dos melhores tempos, um felizardo que teve o senão pratico de trocar a vida agitada pela pacifica solidão do campo. Levou-me, — braço cá e braço lá, — com expansão de amizade, para a vivenda, onde fui acolhido com cordial simpatia. Depois do ligeiro cavaco com a cativante família, passámos a uma ampla sala, de muito ar e muita luz, — onde estava servida uma farta mesa de solidos aceites. Saboreado o excelente café, de cigarro na boca, fomos para a larga praça sombreada de salutar arvoredor, ver o ondear da multidão, que ia se apinhando aos poucos à porta da igreja, na ansia de arranjar lugar afim de gosar a saída da procissão. Bimbalhavam alegremente os sinos, os foguetes espoucavam e a musica no seu tará-tá-chim — fazia todo o barulho na altura das suas forças.

Estavamos nas proximidades do carnaval e os intrepidos rapazes da cidade, munidos de lança-perfume, — no meio da alacridade geral, — iam aromatizando, com finos esguichos, o colo aveludado das tentadoras morenas, queimadas pelos ardentes raios caniculares... Uma donzela, — caricatura de mulher, — feita com pele de galinha e figo passado, — direita como um l e chata como uma taboa de engomar, dizia, em rabadadas bruscas, para um brejeiro que por troça lhe espremera a bisnaga:

— Sáí, bôbo, vái seringar a tua avó, que comigo perdes o tempo...

As raparigas regalavam-se, choravam de prazer, soltando gritinhos, escondendo o rosto bonito num esvoaçar de risos:

— Mi deixe, já estou alagada.
— Sáí marvado, já tenho os olhos em brasa...

Uma folia, um contentamento sem par.

Bendita seja a Santa Paz, bendito seja o Senhor das Alegrias...

A's duas horas, mais ou menos, desfilou o prestito da luzidia procissão. Mais de mil pessoas, devotamente, chapéu na mão canhota e guarda-sol na outra, acompanharam as imagens. Dois andores eram conduzidos por moças. O de Santo Antonio, — padroeiro das que ambicionam sentinelas ao lado, — era sustentado por quatro creaturinhas do lugar, idealmente for-

mosas, que se percebia logo terem sido escolhidas a dedo, pois primavam em ser as mais gentis da festa.

Andaram a arejar os Santos por esburacadas e pedregosas ruas cheias de barro e pó. Afinal, feito o trajeto, cansados todos, com a respiração curta e as roupas que pareciam salpicadas a óca, regressaram ao templo. O reverendo vigário, sufocado nas banhas, bufava, a destilar camarinhas de suor. Com receio de derreter, trazia, — em sisuda gravidade, — um lenço de chita, de grandes ramagens, a tapar-lhe dos raios solares a lustrosa calva, ha muito divorciada dos cabelos!

NOVO

Os sinos tornaram a se mover em aterrador estrondo. Novas girândolas subiram e a banda de musica rompeu em desafinados sons um fox-trot dengoso, que insensivelmente fez muitos, dominados pelas notas, esquecerem a solenidade do ato e embalar o corpo em voluptuosos meneios!...

— Ao baile, ao baile! — era o convite que ecoava por entre o formigueiro de gente. A mocidade de ambos os sexos não se fez rogar, correndo todos à casa do festeiro. Ele, o glorioso homem do dia, um colosso de farto abdomen e largos ombros, com as amplas bochechas a caírem, como sanefas, sobre o colarinho com muito suor e goma pouca, — recebia, lhano, obsequioso, sem distinção, os que chegavam, — dando uma palavra a este, estendendo a mão àquela e puxando todos com exagerada simpatia e extrema afabilidade.

Em baixo da copada figueira, um par de velho, que entrara sem conta pela bebi-da a dentro, — ria a bandeiras despregadas, fazendo tregelitos, batendo palmas e dando vivas ao pagode e ao só majô impedido.

Na sala, ao som de cavaquinho, flauta e viola, os pares, na loucura da dança, sacudiam-se com frenesi, levando pela frente os que não tivessem agilidade e pé leve para escapar a tempo!

Ao fundo, numa especie de atafona, duas extensas mesas ostentavam sobre brancas toalhas de algodão lavado, travessas com arroz, galinhas coradas, perús recheados e fragmentos de assado com couro, — pronto tudo para fortalecer, dando substancia a quem dela necessitasse. Ao lado, em toco armário, uma bateria de garrafas enfileirava-se, à espera que os convidados fizessem saltar as suas chapinhas Patent, para se refrescarem com a cerveja que guardavam no escuro bojo.

Em animada palestra, três moradores do lugar faziam pela vida, sumindo para o estomago um leitão de família, afarofado e gordo, com uma voracidade que pareciam não ter comido desde que vieram ao mundo. E enquanto os queixos se moviam com atividade, iam discutindo interesses locais e varios planos de colheita futura, regando tudo com vinho nacional, que eles afirmavam ser o melhor tónico para a saúde, que inventou Deus Nosso Senhor!

— D. Ritinha, — avisava em cumulo de delicadeza, um tranzão estropeado numas botas apertadas, para uma mocinha de laços amarelos, que ia passando: — Agarre a sua luva que caiu no chão.

— Obrigada, seu Manduca, — respondeu a mocinha dos laços amarelos, apinhando a luva e seguindo seu caminho...

espalhava-se por toda a parte... Este casto idílio de encantadora singeleza, ouvi eu, passado entre dois namorados, encostados à janela que abria para a horta.

Ela, com os lindos olhos cravados no chão, enrolando o lençinho entre dedos, murmurava com tímida inocência, enquanto ele, atrapalhado, escutava-a, preparando, sem acertar, um cigarro de palha grossa:

— O senhor diz que gosta de mim, é mentira, o senhor não gosta de mim.

— Eu não gosto da senhora?! A senhora é que não gosta de mim...

E enrubescidos pelo pudor, nesta linguagem simples, clara, sem artificios, confessavam abertamente, — um ao outro, — o segredo que lhes cantava nalma, enchendo-lhes os corações juvenis...

E o amor, — soberano despotico, — continuava a reinar como se andasse a pisar em dominios seus. Lá fui encontrar o tipo rude do namorado pimpão. Estava da parte de fóra, com o olhar a faiscar, ralado pelas aduncas garras do implacável e feroz ciúme. A namorada, — uma morena esbelta, de boas carnes e melhores cores, — desdenhosa e indiferente para ele, voltava-se, feliz e radiosa, para um moçoão trigueiro, bem parecido e desempenado.

O valentão chispante, com o miolo em brasa, rangia os dentes, metia os dedos na grenha arrepiada e parecia dizer com ares revolucionarios:

— Se isso pegam a sério, vai tudo razo aqui. Comigo não comem farinha, não. Para esbandalhar um e escangalhar outro, não cochilo!

Mas felizmente a hora tragica não souu. Momentos depois o vi esbravejando no meio de uma roda que, de biquinho nua, o metera à bulha.

— Vou-me embora. Mulher é bicho atôa e não falta quando a gente a quer precurar, para nos dar canseiras. O melhor é o desprezo...

Saltou embezerado para o lombinho e, de rédea solta, cerrou pernas ao matungo e em vertiginosa carreira desapareceu na curva da estrada, enquanto os outros, — que já o conheciam, — ficaram em risota a zombar da fanfarronada dele...

Dali seguindo fui dar com o lado burlesco da festa. Duas mãtrons, — tão encarquilhadas, uma como a outra e desafiando-se ambas, cada qual em primar em ser a mais feia, — cochichavam em grandes gestos.

Cheirando-me aquilo à vida alheia, fui sorrateiro me aproximando o mais que pude. Enganei-me, não era vida alheia, era vida propria, uma revelação íntima, arranhaduras no contrato matrimonial, — o que geralmente se chama *dôr de cotovelo* e nada mais. A de olhos de tartaruga dizia para a de barbicas no queixo:

— E' como lhe digo: aquêlê homem está cada vez me saindo mais fóra dos eixos. Deu para este ridículo, — metendo-se no assanhamento depois de velho! Ora a minha vida! Os meus pecados! Para que estava eu reservada neste vale de lagrimas.

— Trabalhos nunca faltam. Cada um é que sabe as linhas com que se cose. Eu também aguentei o que o diabo não era capaz de aguentar, no tempo do falecido. Via-me bamba com as suas falcitruas. A comadre ha de estar lembrada?

— Lembra-me sim. Mas deixe contar-lhe a que me fez hontem.

— Conte, conte. O desabafo é como o flato: pondo-o para fóra, alivia-se logo.

— Tenho estado como não imagina.

(Termina no

fim do numero).

AREIMOR



Em Moscou num dia de festa. A artilharia do Exército Vermelho. Desfile da infantaria diante da tribuna onde estão Staline, Kalinine, Boudienny e Vorochilof.

No polo Norte. O chefe "Agua", da tribu dos Kris. Tem 90 anos.



Al Capone, o rei dos bandidos de Chicago, pescando tranquilamente.



O príncipe Anton de Habsbourg e a princesa Beana da Rumania que contrahiu casamento.

V
I
A
G
E
N
S

Em baixo
o sorriso
de J.
Capone

PARA TODOS...

SANTA MARIA POR IDIE DANTE BIELEMI COSTA

MORA lá em cima, onde o Brasil começa. A clara cidade de Guajará. Banhada pelas águas serenas da baía mansa, enfeitada pela ingenuidade de mil lendas sem explicação...

No início foi um progresso que espantou. O trabalho dos homens. A beleza da terra. Dinheiro. Luxos. Mulheres de todas as línguas vivendo coisas sensacionais...

Depois, o fim. A minha cidade, que já ia se contaminando de civilização, chegou-se novamente às aventuras simples.

Assim foi melhor. Nada de vícios elegantes. Nada de preocupações custosas, nem luxos rústicos, nem ciências intrincadas. Nada de preocupações que atrapalhem...

Desapareceram aqueles homens de chapéu do Panamá, charuto de Havana e ingenuidade do Brasil. Foram embora. Ficaram os simples, sem nenhum desses enfeites lamentáveis...

Agora não se vê mais nas ruas aquela confusão de nacionalidades tismando a paisagem inocente. Os bolivianos, peruanos, americanos, barbadianos, sumiram. Continuou a gente da fala verde amarela. Que desconhece totalmente as línguas diferentes dos civilizados presumidos. A gente das várias cores nacionais. Onde há índio, africano e português. Tudo misturado. Onde há bondade, confiança, resignação. A gente boa que vive espiando a vida no espelho transparente dos igarapés, apesar de nunca chegarem, rolando na areia branca, aquelas pedras conhecidíssimas que fazem a gente se ufanar deste país...

Belem!

As igrejas grandes, paradas, esperando as moças de vestidos caros, de vestidos bonitos, de vestidos pobres. Esperando os rapazes de sorriso esperto. As beatas. Os homens bons...

Nossa Senhora de Nazareth, padroeira admirável, opera os milagres e perdões, sorrindo, todos os pecados...

Nos domingos dourados de sol, as igrejas e os sinos.

O céu está limpo, muito azul. O azul amazônico, sem vacilações. Franjado de branco. Um vento esplendido que vem do mar, que vem do rio, sacode as mangueiras das ruas e as mangas, também douradas de sol, caem no chão para gula dos moleques que vigiam...

Desce dos automóveis a gente rica que faz a civilização que ficou, discutindo coisas inúteis... Depois vem andando a pé a população melhor. Anônima. Paraense de verdade. Que acredita em assombrações e se entusiasma, infantilmente, por uma cuia de assai bem pirão... "Marco da Legua". "Ver o peso". "Um arizal". Uma porção de ambientes que o Brasil precisa descobrir...

A tarde chegou. Cheia de calor pesado. Um silêncio pegajoso nas ruas dormindo. Nas casas dormindo. As filas de mangueiras volumosas, como gordas sentinelas atentas. Arredondadas. Amplas. Balanços



J O S E F I N E B A K E R

Desenhos de Paul Gilbert

de folhagens, vagarosos, para não quebrar o ritmo educado das horas.

De vez em quando alguma rapazes que vão ao futebol ou as regatas do Yole. Vejam só. Baixo, cabeça grande de nortista inteligente, cor tostada, atitude energética. Um bocado exultante, mesmo sorrindo. Um vago jeito de árvore que ainda não se sente muito bem fora da floresta. Mas passa rápido, vai para as arquibancadas de madeira pobre.

Ha outra perturbação ao silêncio paraense. Mas essa é boníssima. E integrada no próprio silêncio. Ninguém nota: o ruído compassado das sextas se fazendo... Habito dos que já sentem o cansaço. Imposição do clima, talvez. Mas um vício tão gostoso como varios outros que a terra tem...

Quando os postes esguios acordam na sombra, é a noite. Pócras pessoas. Os ricos se recolhem sem o que viver...

Então é a hora do amor.

As mulatas, as caboclas, os soldados do 26, motoneiros, indiazinhas que vieram do Igarapé - assú, condutores, vendedores, estão espalhados pelas praças, que ainda se chamam "largos". A' sombra pesada das árvores do largo da Polvora, do largo de Baptista Campos, do largo de São Braz e de outros santos...

Namorando. Conversando. Beliscando.

Eles continuam na noite vagarosa e muda a vida da minha cidade tão longo...



Cinema do Brasil



Lu Marival, Nascu em S. Paulo. Foi descoberta no Rio. Já está filmando "Ganga Bruta", a terceira produção da Cinédia.

Reportagem



A Senhora Getúlio Vargas e D. Sebastião Leme no dia do lançamento da pedra fundamental da capela do convento das Irmãs Clarissas.



No almoço do Rotary Club ao Dr. Baptista Lazzardo, Chefe de Polícia do Distrito Federal e ao Dr. Salgado Filho, 4º Delegado.



Dona Alba Canizares do Nascimento fazendo a sua conferencia sobre Santa Therezinha do Menino Jesus.



A sala de catolicos que ouviu a conferencia de Dona Alba Canizares do Nascimento sobre Santa Therezinha do Menino Jesus.

Em baixo: no Gabinete Português de Leitura quando foi a sessão inaugural da Federação das Associações Portuguesas do Brasil.



A mesa que presidiu a abertura da Federação das Associações Portuguesas do Brasil, sabado da outra semana.

COMPADRITO 202

JULIO
TINTON

E RA festa da bandeira nacional. O mundo oficial tinha comparecido. O outro mundo também.

Fôra na relva verde-garrafa do jardim o sol de açafrão punha uns efeitos tão nacionais nas coisas que os convidados cantarolavam com os olhos o nós somos da patria amada. Havia banda de musica, escoreiros, telegramas, oradores e outros objetos de carater civico.

No salão nobre o programa literario musical estava no terceiro numero. Depois do terceiro numero entrou o quinto numero. Do primeiro ao quinto os numeros foram invertidos. (Mania... Campanha não adeanta).

O quinto numero era palido, alto, olhos viciados, cabelo preto brilhante que nem disco. Começou cantando baixinho. Tango argentino. As vezes amolecia o corpo, torcia a boca, enrolava os olhos, alongava os sons, devagar, como se a voz fosse de goma. No salão havia extase da parte feminina. Da parte masculina uma invejinha contida, nervosa.

Quando o tango acabou, as senhoras perderam a compostura:

— Mais, mais, mais. Bis.

O rapaz não bisou.

Mas cantou outro.

As senhoras arriscavam opiniões depois do terceiro bis.

— Admiravel! Estupendo! Coisa rara moço brasileiro com tanto geito, com pronuncia tão perfeita!...

Outras achavam que a pronuncia era assim-assim, mas a memoria para guardar tanta letra era assombrosa.

Na ameaça do quarto bis um veterano do Paraguai se levantou. Não ficava mais ali naquela sala, não. Pouca vergonha. Numa festa brasileira.

Então o quinto numero não cantou mais tango. Não por causa do veterano.

Porque não sabia mais tangos. Ia estudar outros novos, depois teria muito prazer. Então

uma mocinha argentina, porém nascida em Bauru, arriscou:

— Ah, então cante o hino nacional.

O rapaz fez que sim com a cabeça. O veterano voltou. Ficou de pé. Da parte masculina houve entusiasmo. Da feminina não houve nada. A orquestra avisou. Ficou tudo de pé. Silencio. O rapaz começou:

— "Ouviram do Ipiranga..."

Ficou em Ipiranga. A memoria assombrosa não ajudou.



PIJAMAS
DE
PARIS
APRESEN-
TADOS
POR
MONA
PAIVA,
MARY
GLORY
E
SUZY
VERNON
NA
PISCINA
MOLITOR



PARA TODOS...

de Elegância

— você não os aprecia?

— Não... Ou serei das últimas a usá-los. Nem isso. Porque arranjei outra coisa diferente dos detestáveis "tricornes", dos chapéus "pontudinhos", de todas essas "caricaturas" que servem para nos envelhecer...

— A você?! Será possível?!

— A mim mesma — respondeu-me Maria Leonarda, abrindo a caixinha de pó de arroz e passando pelo nariz, num gesto, que, nela, é frequente, quase maquinal, a pequena esponja com pó de arroz cor-de-pesego maduro.

— E o "canotier"?

— Passável... Mas os outros... Repare, minha amiga, olhe todas essas moças que você conheceu completamente juvenis, há dias, e as vê, agora, com a fisionomia trançada, mais velhas dez ou vinte anos — continuou a formosa creatura, desta vez circunvagando o olhar coado pelos vidros do gracioso "lorgnon" de aros de platina.

Assim, leitoras, os "tricornes" têm revolucionado a cidade. Já estão nas cabeças de quase todas as mulheres de Copacabana, de Botafogo, do Flamengo, no Prado do Jockey, e, até nas elegantes dos subúrbios...

Mas há quem se insurja contra a nova moda embora a adote, embora a sofra...

No entanto, o mais rudimentar bom senso não pôde admitir um "tricorne" com uma "toslette" esportiva, á



til cabeça que o rosa do vestido tonalizava com doçura. Se, porém, tivérmos de continuar com as boinas — o que é próprio ao traje de esporte, ou num traje ligeiro — que as coloquemos um pouco mais para a frente. Mas um "tricorne" completando a roupa a que aludi... Enfim, minhas caras amigas, tudo é possível por este mundo de Deus e no capricho dos costureiros. A moda é a moda. Vem. Se a repelimos logo de início, ela timbra em nos perseguir, ela se insinua, pouco a pouco, pela voz das "vendeuses", pelas crônicas elegantes, pelos modelos apresentados em "Longchamp", pelos manequins de Vionet, de Patou, de Martial & Armand. A moda, quando quer vencer, é quase tão renitente quanto as intenções sentimentais de Jacob... E, por força de hábito de visão, por experimentar nos, de constante, vestidos ou chapéus que não nos atraíram á primeira vista, a gente se acomoda como se acomodou com a troca das saias de cinquenta centímetros pelas de metro e tanto, como rejubilamos com os

maneira de certa moça que vi num elegante "sweater" e "jumper" de jersey de seda rosa seco. Estava deslocado na gen-

cabelos cortados, como adoramos os chapéuzinhos minúsculos e leves. Acredito, aliás, que, para usar um "tricorné" ou um "alguidar" não precisamos lá de muita força de vontade ou grande sacrifício. Bons cabelos, bem tratados, carita arranjada com arte, um vestido gracioso...

Coragem, leitoras. Maria Leonarda, ela que é a boniteza e a graça em pessoa, verá que o diabo não é tão feio como parece.

Quinta-feira, 6 do corrente, a senhora Getúlio Vargas recebeu a alta sociedade carioca e corpo diplomático. Foi uma bela tarde a cujo programa de arte se adicionou o da elegância da maioria das senhoras que estiveram de visita à ilustre dama.

O "grand monde" teve, este ano, apesar do pessimismo de alguns, noites excelentes

com a estadia da companhia francesa Vera Sergine-Henri Rollan, trazida por Piergili, que, para mais frisar o seu prestígio de empresário, conta atrair ao nosso melhor teatro, com espetáculos de outra companhia francesa e uma lírica, o público fino e de bom gosto da nossa bela capital.

A companhia Sergine-Rollan também agradou pela exibição de vestidos elegantes, demonstrando, mais uma vez, a harmonia com que se vestem as mulheres francesas. A tonalidade das meias: claras, de acordo com os sapatos; escuras, também combinando com eles, se bem que os sapatos pretos, ora traziam meias canela, ora "mordorées".

O "marron" dos sapatos, luvas e carteira era complemento de vestidos verde água, ver-

pe" estampada de vermelho e branco, e cinto de pelica vermelha; pijama de praia de "shantung" creme e cor de ferrugem; pijama de praia de "toile de soie" branca, calça toda enfeitada de tiras em varias tonalidades de azul, debrum do decote do azul mais vivo, bem como o casaco a três quartos; pijama de praia de "toile" verde água, blusa-"maillot" de jersey preto aparecendo apenas entre o jaleco



assegurando resistência também nas repetidas lavagens)

Agora, e bem a propósito pela época de festas à noite, cinco vestidos: de "Molyneux", de "Lucien Lelong", de "Premet", de "Maggy Rouff", de "Jane Regny", todos executáveis nos belos crepes de seda: setim, "Georgette", musselina ou taffetas mole.

Depois: quatro chapéus dos "baissés sur un œil", donde, um, completa o vestido preto e luvas de altos canhões da princesa Carlo Ruspoli.

Mais: varios feitiços de mangas compridas e golas.

E: Um jardim-suspense ou o modo de guarnecer uma varanda.

Movimento elegante da semana: o "film" "Iracema", no "Eldorado", e alguns números regionais.

— A elegância das clientes de A. Doret — cabeleireiro e perfumista — rua Alcindo Guanabara, 5.

— Rendas, cintos, peles e as esplêndidas meias "Sally" da Casa Machado — rua Gonçalves Dias.

SORCIERE



melho maravilha, branco, azul de pervinca e rosa melancia.

Figuram nesta pagina alguns modelos das últimas criações parisienses: vestido esporte de "piqué" branco avivado por uma "échar-

curtinho e o cinto alto. (Seda vegetal é a mais propria para os vestidos expostos ao tempo, como também os pijamas de praia, pelo fato de ser a que "Indanthren" colore,



De tudo um pouco



COMO AUMENTAR O PESO

Como aumentar o peso — ("Alimentação e Saúde" de McCollum e Simmonds — tradução do Dr. Arnaldo de Moraes — Continuação)

Depois da necessidade da dieta completa: — Importância do Repouso — Ha pessoas que chegaram a tal estado que é indispensável sujeitarem-se a um repouso completo como uma das medidas possibilitadoras do aumento do peso. Na maioria dos casos, porém, bastará um pouco mais de descanso que o normal, medida que precisa ser suplementada por um programa nutritivo adequado ao individuo.

O Dr. McCollum também diz que "frequentemente a insuficiência do peso é o resultado de alguma infecção, como as que podem provir de amigdalas infeccionadas, dos dentes, etc. E que é evidente que o primeiro passo a ser dado é tratar de exterminar esse foco de infecção."

Nutrição extraordinária — Todos os alimentos indicados para o regime de diminuição de peso servem também para a engorda. "E somente indispensável servir-se deles abundantemente, além de ingerir um alimento extraordinário à noite, antes de se recolher ao quarto." Alimento: que "constará de meio litro de leite, cerca de 100 grs. de creme, um ovo bem batido, duas colheres das de chá cheias de açúcar, baunilha, tudo bem mexido juntamente."

LIVROS NOVOS



"Heróis e Bandidos" — em segunda edição — de Gustavo Barroso.



— Alô?...
— Alô...
— Bom dia. Como está? Fez boa viagem?

— Sim, viagem de volta. Vim matar saudades...

— Estou pronta para a praia. Quer ir?

— Mal chego!... Nem sei mesmo se saberia aprontar-me pra isso... Que tem feito? Que tem visto? É a "season"?

— Ótima. Um reboliço, depois da estadia de Sergine-Rollan. Os vestidos mais bonitos pelos corredores do Municipal. Os "potins" mais audaciosos na boca de toda a gente chisga que por lá andou.

— "All right"... Que mais? É as modas?

— As mulheres só se preocupam com a posição dos chapéus. Ha quem vá ao prado do Jockey para examiná-los. Bonitos, uns; outros feios... Assentam em poucas. Mesmo assim o Jockey é "pódre de chique" aos domingos à tarde. Mulheres que capricham nas roupas e homens que vão lá para vê-las...

— E amá-las...

— É possível. Mas não me interessa.

— Porque você já tem bastante com que se preocupar...

— E?... Não quer mesmo ir à praia? A manhã está magnífica.

— Não. Marquemos encontro à tarde.

— Para o "cocktail"?

— De vagar, criatura. Olhe que ainda não experimentei um.

— Então estrecará hoje. Arranjei boa companhia, gente fina, educação aprimorada... Você se sentirá bem. Apesar do pouco cuidado de certos camaradas em tratar com senhoras...

— Hum!... Conte. Parece-me que você sabe de alguma coisa.

— De "gaffe" recente, sim.

— Diga.

— A última, autentica. Certo cidadão que conhece certa dama apenas por terem trocado meia dúzia de palavras "protocolares", e cumprimentos de rua, quando um vai prá lá e o outro prá cá...

— Sim...

— ... um belo dia... não, uma tarde ele a viu entrar na casa de chá onde estava. Sala cheia. Nem um lugarzinho. O homem em questão levanta-se e... Alô!... Alô!... Telefonista!

— Queira desculpar... Com que numero estava falando?

— 7... Alô!... E' Sou eu mesma. A telefonista interrompeu a conversa.

— Você ficou... Não, o homem é que se havia levantado, e...

— Foi convidar a referida senhora para tomar assento na mesa dele.

— "Shocking"!

— Não é?

— E você ainda quer levar-me para um aperitivo em companhia que não conheço...

— Conheço-as eu. O Mario, muito camaradinho. O Fifi, um amor. O Cervezinho é quem me conta anedotas durante o banho de sol...

— E você, que é que você fala com eles?

— Lógico mais, minha cara provinciana, você verá que a minha roda é de gente "alinhada".

— A que horas?

— Alô!... Alô!... Telefonista!

Telefonista...

(Fazendas tintas por "Indanthren" resistem ao sol e repetidas lavagens. São, portanto, as mais indicadas para pijamas de praia).



NOTA CINEMATICA

Depois de Marlene Dietrich — em "Marrocos" — tivemos a "Inspiração" com a Greta Garbo, a esfinge de Hollywood, enquanto a primeira, também pelo seu temperamento esquisito, a sua constante reserva tem provocado os mais pitorescos comentários dos jornais e dos coléas. E Jeannette MacDonald, a linda loura da "Alvorada do Amor", voltou em "Monte Carlo". Jeannette desfer, assim, o boato de que morrerá, de que a haviam desfigurado — coisa de alguma rival — de que se havia suicidado. Só se pode garantir é que a estrela está mais formosa e que escolheu para marido um corretor de fundos new-yorkino. M. George Ritchie.



ESCRITORAS

Nos tempos de hoje nem só as mulheres de vinte anos para cima se dedicam à arte de escrever. As meninas de onze anos cuidam de compôr contos e descrições, e já se empenham em vê-los em letras de forma.

Raquel de Queiroz, a talentosa cearense que está na idade poética de menina e moça, obteve, com o romance "O quinze" um premio da fundação Graça Aranha.

Outra ainda mais menina e menos mulher — quasi treze anos — conquistou, em Paris, menção honrosa com um livro intitulado — "Onze heures trente sept".

Paulette de Champeaux, — segundo noticia um jornal francês — começou a escrever, apenas com sete anos, histórias maravilhosas. Agora está radiante pela realização do que tanto sonhara, e, dedicada a estudos que lhe tomam o tempo durante grande parte do ano, promete escrever durante as férias, privando-se, assim, dos brinquedos tão proprios à sua idade.

PENTEADEIRA

Aqui está uma que é mais ou menos cópia das da época Luis XVI, embora as lampadas sejam de porcelana da China e de feição moderna. E' móvel que se pôde arranjar facilmente.

(Albino Barros & C. — rua Ouvidor e Catete — expõem móveis do melhor gosto, aceitam quaisquer encomenda e vendem a prazo).



PARA TODOS...



Em Niteroi

Visita ao General Menna Barreto, interventor Federal, do Colégio Salesiano, no Palácio do Ingá e na Praia das Flechas. A' direita, inauguração do retrato de D. José P. Alves, bispo diocesano, no Colégio Guanabara.

Uma pianista nova



Senhorita Delvair da Silva, pianista brilhante, que vem de ser aplaudidíssima no Paraná e no Rio Grande do Sul. Teremos a alegria de ouvi-la, brevemente, num concerto aqui



Na Academia Fluminense de Letras quando foi a posse do Dr. Luiz Lamego. Em baixo: na Federação dos Professores, durante a conferência que ali realizou o general Pires e Albuquerque.



Da semana que passou



Durante um baile
no Club de Regatas
G u a n a b a r a



O professor Chriso Fortes entre os amigos e colegas que lhe ofereceram um almoço em regosijo pela sua nomeação de lente da cadeira de Cirurgia e Protese, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Presentes os Drs. profs. Coelho e Souza, Alexandrino Agra, Areski Amorim, Ugo Pinheiro Guimarães, Benjamim Gonzaga, Pimenta da Cunha, Agnello Cerqueira, Simões de Oliveira e A. Fontes.



Em Niterói, depois da festa inaugural do Athene Club, nova agremiação feminina, festa realizada no Automovel Club. A directoria, artistas e amadores que tomaram parte no programa.

PARA TODOS



LINCOLN

A sobriedade e elegância de suas linhas, o luxo, o conforto e o irrepreensível funcionamento, fizeram-n'o o carro preferido pela alta sociedade.

Crème Simon



Cuidai da vossa beleza como cuideis da vossa saúde; o vosso rosto é uma delicada obra prima que deveis proteger.

O CREME SIMON

fabricado segundo formulas experimentadas, liberta a pele de todas as suas imperfeições, conservando-lhe a beleza, a frescura e o aveludado. Da-lhe brancura e pureza impedindo a formação de rugas.

PÓ & SABONETE SIMON
Paris

EM BELEM NOVO

(FIM)

Trago esta cabeça a razão de juro e, se vim á festa, não foi para me divertir e sim para não o perder de vista. Ora ouça: como sabe, depois que o Casusa morreu, foi lá para a casa a Caudinha, que está agora a beirar os vinte anos. É uma rapariga de reputação limpa, — não meto as mãos no fogo, — mas por enquanto nada de sujo tenho que lhe apontar. Desde que me entrou das portas p'ra dentro, — faz agora, três meses, — não deixei de notar que o seu Innocencio mudou e muito. Todo assuear, todo derretido, todo cheio de falas mansas para tudo e para todos, — mas com especialidade para a Caudinha. Eu, que não sou tola, andava pisando em ovos, mas não queria fazer explosão sem primeiro ver com estes que a terra ha de comer. Hontem tive de sair para vir ver a Perpetua...

— Está doente?

— Está. Tem andado com esse andasso que anda por aí. Quando voltei, — á boquinha da noite, — veio me esperar a Caudinha, lavada em lagrimas, dizendo que se ia embora, que era direita e não estava disposta que lhe entortassem a vida.

— Ora essa! Querem ver que o seu Innocencio!...

— E' isso mesmo, comadre, foi bulir com a rapariga. Estava a espiar-me, e logo que me viu sair, entrou. E o que pensa você que ele foi pedir á rapariga?

— O que foi, comadre? o que foi? — perguntou, com os olhos acesos de curiosidade. — Causa boa com certeza não foi.

— Um beijo.

— Um beijo? oh!

— E' verdade, um beijo! Veja você, comadre! Parr que precisa aquêlê barbas de mono, dos beijos da rapariga?

— Estes homens... estes homens...

— Quando desequilibram e perdem o verniz, só dan-dão de forma que fiquem sem concerto. Bem diz o pa-dre Botelho: — não é a idade que traz o juizo...

— Não é não. Ha muito maluco de cabelo branco...

— Mas escute.

— Sou toda ouvidos.

— Assim que ele botou o pé no portal, tomei-o de assalto e fui, sem papas na lingua, vomitando tudo que ti-nha atravessado aqui.

— E ele? Meteu a viola no saco?

— Qual! Não ligou e até riu-se o desbriado, riu-se es-candalosamente nas minhas bochechas, dizendo que isso não ti-nha importância, que era o clume que me fazia ver de um argueiro um cavaleiro. E tomando uns ares sérios, com uma cara muito deslavada, explicou-me que pedira á rapariga, — queijo e não beijo!... Veja você que saída de cabo de esquadra. Ah! mas para que não me chamasse simplória, fui lhe atalhando logo: — Ora mete o dedo aqui para veres se nasci hontem. E se ele metesse, lhe juro pelas chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo, que ape-sar de me faltar os dentes, apertava as gengivas com tal furor que havia de ficar marcado, para o resto da existen-cia... Queijo!... veja que descarado! Uma cousa de que nunca gostou, uma cousa que até nem tinhamos em casa...

De repente, espetando o olhar num sujeito pipote, de olhinhos fanzidos e nariz achatado, que estava na outra ex-tremidade, com grande exaltação, explodiu:

— Olhe, olhe, — eu não dizia: lá está ele como galo de rinha a encrespar-se todo para a filha da Quinota. Ah! homenzinho danado, não perde vasa. Espera, minha pren-da, espera, que já te vou cortar o topete e limpar-te a paraba...

E, batendo calcanhares, num arremêso, investiu em direção ao grupo que avistara, enquanto a outra, muito conciliadora, recomendava:

— Cuidado, comadre, tenha calma, não se delte a perder...

Foi pena. O desenlace não me foi possível ver. Os vapores, com seus agudos apitos, chamando os excursionistas, fizeram confusão de grande reboliço. Como exer-cito á voz de fogo, começou a lufa lufa, numa debandada sem fim.

Cada qual queria chegar primeiro para não perder logat.

— Adeus...

— Até a a vista...

Brandavam de terra em sinal de despedida.

E o Porto Alegre, sacudindo seu penacho de fumo, zahu, rasgando as aguas, fazendo fiócos de branca espuma como si fosse "champagne" em traças de crystal.

Noite calma, estrelada, cheia de encantos, velada por discreto luar, de uma suavidade tão meiga como uma carícia de noíva...

A bordo havia regosijo, ria-se, cantava-se, discursava-se, com a algazarra bulhenta e propria da mocidade que se diverte.

Assim, foi o regresso. Quando aportamos ao cáis, — uff! que insuportavel calor, — parecia que tinhamos saído de um banho consolador, e lamos a entrar na bocca de um forno...

AREIMOR.

EXIJAM SEMPRE
THERMOMETROS PARA FEBRE
"CASELLA-LONDON"

E' o Mais Caro, Mas E' de Toda Confiança

FUNCCIONAMENTO GARANTIDO

Quem possui cabellos lindos possui também a felicidade, a qual pôde ser conquistada com o emprego da JUVENTUDE ALEXANDRE, o melhor tonico para os cabellos. Encontra-se em todas as pharmacias e drogarias, pelo preço de 4\$000 e pelo Correio 6\$400. Depositarios: Casa Alexandre — Rua do Ouvidor, 148 — Rio de Janeiro.



EM S. PAULO — Ato inaugural do Congresso de Habitação, no momento em que discursava o Dr. Alexandre de Albuquerque.

ONDE HA O PRECON- CEITO DA CÔR

O senso total da população branca dos Estados Unidos, publicado recentemente, acusa uma percentagem de 87,7 de indivíduos brancos, nascidos nos Estados Unidos, sobre a população total existente no país. Essa percentagem representa um total de 108.854.207 indivíduos, sendo que este algarismo demonstrará ter havido um aumento de 15,7% sobre a população do país em 1920.

UM CASAMENTO DIFÍCIL

O registro civil de Hampstead, subúrbio residencial de Londres, foi teatro de uma cena inédita, com a qual se realizou de um casamento entre abastados hindus ali residentes. O casal de noivos apresentou-se perante o notário público para o ato de casamento, depois da competente notificação prévia em que cada um teve que dar as devidas informações individuais. Apresentaram-se ambos em trajes hindus o que constituiu por si só uma bizarra novidade para o pacato cartório. A leitura do ato começou, qualificando-se o noivo como sendo Krishna Prasad, viúvo, de 41 anos, banqueiro,



Senhorita Haydée Paz de Miranda, de Curitiba.

morador em Campayne Gardens, Hampstead. A noiva estava qualificada como sendo Prabhavati Devi Sing, solteira, de 29 anos, e do mesmo endereço do noivo. Antes de terminada a leitura, surgiu uma dificuldade insuperável para o funcionário britânico que presidia o ato, porquanto a noiva declarou que "havia sido dada em casamento ao noivo, quando ainda era criança, na Índia", e que, assim sendo, devia ser colocado um "ponto de interrogação" adiante da palavra "solteira". Não tendo sido possível movê-la de seu ponto de vista, como o tentaram outras pessoas presentes e o próprio noivo, o oficial do registro não terminou o ato legal do enlace e remeteu o caso à consideração das autoridades superiores, em Somerset House.



Bodas de Prata do casal Francisco da S. Godinho Villar

DENTE

escuro, desviado, abalado, piorrhea, fistula, geng. sangrenta, cura certa; exame gratis. T. 2-0360, 7 de Setembro, 94, 3º. Dr. R. Silva

PARA TODOS...

USEM
LUGOLINA
E
SALSA, CARORA E MANACA
DE HOLLANDA
PREPARADO PELO
D^r EDUARDO FRANÇA
OS DOIS JUNTOS REPRESENTAM
O IDEAL DO TRATAMENTO
PREÇO
4.000

DIGA COMNOSCO



D^r Eduardo França
O MELHOR REMEDIO PARA MOLESTIAS DA
PELE, FERIDAS, DARTHROS, ETC. ETC.
LABORATORIO E FABRICA
AVENIDA MEM DE SA, 72 A 76 PHONE. CENTRAL 2827

DEPOSITARIOS
DA
LUGOLINA
E **SALSA**
ARAÚJO FREITAS & C.
R. DOS OURIVES
88 E 90
RIO DE JANEIRO

O INIMIGO DA SYPHILIS!



ATTESTO que tenho empregado em minha clinica o **ELIXIR DE NOGUEIRA** do Pharm-Chimico João da Silva Silveira, tendo sempre obtido optimos resultados nas infecções syphiliticas, em todas as suas manifestações.

Victoria (Pernambuco), 31 de Março de 1927.

DR. JOSE DE BARROS ANDRADE LIMA
Senador Estadual.

Syphilis? ELIXIR DE NOGUEIRA

GRANDE DEPURATIVO DO SANGUE

Todas As Senhoras São Interessadas ... — E' UMA REVISTA PARA O LAR —

A Mais Elegante — A Mais Completa
A Mais Moderna — A Mais Preciosa

Collaborada Pelos Grandes Creadores
Da Moda Parisiense

MODA E BORDADO

FIGURINO MENSAL

Ensinaamentos completos sobre trabalhos de agulha e a machina, com desenhos em tamanho de execução. Os mais apreciados trabalhos de bordados. Mais de 100 modelos em cores variadas de vestidos de facil execução. Vestidos de noiva, de baile, passeio, luto e casa. Costumes e casacos. Roupas brancas. Roupas de interior. Lindos modelos de roupas para creanças. Conselhos sobre belleza, esthetica e elegancia. Receitas de deliciosos doces e de finos pratos economicos. Vendido em todas as livrarias e bancas de jornaes do Brasil

PEDIDOS DO INTERIOR:

Sr. Gerente de «Moda e Bordado» Caixa Postal 880

RIO

Envio-lhe { 35000 para receber 1 numero
163000 . . . durante 6 meses
303000 12 .

NOME.....

Ender.....

Cid..... Est.....

Fabrica Metallurgica Brasileira

— DE —
EMOINGT & C^{ia}.

Lustres, Appliqués, Plafonniers, Material Elétrico,
Apparellhos Radio e Fogões a Gaz os mais economicos.

Loja — 7 Setembro, 75 — Tel. 4-4352 — 4-5132

Fabrica — Camerino, 95 — Tel. 4-1731

END. TELEG. EMOINGTCO - RIO

GRANDE DEPOSITO DE HARMONICAS

S/A. M. DALLAPÉ & FILHO
Stradella - (Italia)

Harmonicas de luxo. Grande marca
universal. Ultra elegantes.

PECAM CATALÓGOS AO CONCES-
SIONARIO EXCLUSIVO NO BRASIL

João Sartorello

LINHA MOGYANA (Est. de S. Paulo) SÃO JOÃO DA BOA VISTA

PARA TODOS...

LIVRARIA PIMENTA DE MELLO

TRAVESSA DO OUVIDOR, 34

(ANTIGA SACHET)

TELEPHONE 4-5325

RIO DE JANEIRO

BIBLIOTHECA SCIENTIFICA BRASILEIRA

<i>Introdução à Sociologia Geral</i> , obra premiada com o 1º premio da Academia Brasileira, de Pontes de Miranda (Dr.) Broch.	16\$000
A mesma obra (Encadernada)	20\$000
<i>Tratado de Anatomia Pathologica</i> , de Raul Leitão da Cunha (Dr.) Prof. da cadeira na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Broch.	35\$000
A mesma obra (Encadernada)	40\$000
<i>Tratado de Ophthalmologia</i> , volume 1º, tomo 1º, pelo Prof. Abreu Fialho (Dr.) Broch. 25\$000 enc.	30\$000
<i>Tratado de Ophthalmologia</i> , volume 1º, tomo 2º, pelo Prof. Abreu Fialho (Dr.) Broch. 25\$000, enc.	30\$000
<i>Tratado de Therapeutica Clinica</i> , volume 1º por Vieira Komeiro (Dr.) Broch. 30\$000, enc.	35\$000
<i>Tratado de Therapeutica Clinica</i> . Por Vieira Komeiro (Dr.) 2º Vol. Broch. 25\$000, enc.	30\$000
<i>Siderurgia</i> . F. Labouriau (Dr.) Broch. 20\$, enc.	20\$000
<i>Fontes e Evoluções da Direita Civil Brasileira</i> P. de Miranda (Dr.) Broch. 25\$000, enc.	30\$000
<i>Amoroso Costa — Ideias Fundamentais da Mathematica</i> . Broch. 16\$000, enc.	20\$000
<i>Otto Kothe — Chymica Organica</i> — 1º Vol. tomo 1º, 20\$000, enc.	25\$000
<i>F. Moura Campos — Manual Pratico de Physiologia</i> , Broch. 20\$000, enc.	25\$000
<i>P. Miranda — Tratado dos Testamentos</i> , 1º Vol. Broch. 25\$000, enc. 30\$000, 2º Vol. Broch. 25\$000, enc.	30\$000
<i>C. Pinto — Parasitologia</i> , 1º Vol. Broch. 30\$000, enc. 35\$000, 2º Vol. Broch. 30\$000, enc.	35\$000

EDIÇÕES A VENDA

<i>Cruzada Sanitaria</i> , discursos de Amaury de Medeiros (Dr.) Broch.	5\$000
<i>Anel das Maravilhas</i> , contos para crianças, texto e figuras de João do Norte (da Academia Brasileira, Broch.	2\$000
<i>Cocaina</i> , novella de Alvaro Moreyra, Broch.	4\$000
<i>Perfume</i> , versos de Onestaldo de Pennafort. Broch.	6\$000
<i>Botoes Dourados</i> , chronicas sobre a vida intima da Marinha Brasileira, de Gastão Penalva. Broch.	6\$000
<i>Leviãna</i> , novella do escriptor portuguez Antonio Ferro, Broch.	6\$000
<i>Alma Baroara</i> , contos gaúchos de Alcides Maya, Broch.	6\$000
<i>Problemas de Geometria</i> , de Ferreira de Abreu, Broch.	3\$000
<i>Caderno de Construções Geometricas</i> , de Maria Lyra da Silva, Broch.	2\$500
<i>Chimica Geral</i> , Noções, obra indicada no Collegio Pedro II, de Padre Leonel da Franca S. J. 3ª edição (Cart.)	6\$000
<i>Um anno de cirurgia no sertão</i> , de Roberto Freire (Dr.) Broch.	18\$000
<i>Promptuario do imposto de consumo de 1925</i> , de Vicente Piragibe, Broch.	6\$000
<i>Lições Civicas</i> , de Heitor Pereira, 2ª edição (Cart.)	5\$000
<i>Como escolher uma boa esposa</i> , de Renato Kehl (Dr.), Broch.	4\$000
<i>Humorismos innocentes</i> , de Areimor, Broch.	5\$000
<i>Toda a America</i> , versos de Ronald de Carvalho, Broch.	8\$000
<i>Indice dos Impostos para 1926</i> , de Vicente Piragibe, Broch.	10\$000

<i>Questões praticas de Arithmetica</i> , obra adoptada no Collegio Pedro II, de Cecil Thiré, Broch.	10\$000
<i>Formulario de Therapeutica Infantil</i> , por A. Santos Moreira (Dr.), 4ª edição augmentada, enc.	20\$000
<i>Chorographia do Brasil</i> para o curso primario, pelo Prof. Clodomiro Vasconcellos (Dr.) (Cart.)	10\$000
<i>Theatro do "O Tico-Tico"</i> — cançonetes, farças, monologos, duettos, etc., para crianças, por Eustorgio Wanderley	6\$000
<i>O orçamento</i> — por Agenor de Roure, Broch.	18\$000
<i>Os Feriados Brasileiros</i> , de Reis Carvalho, Broch.	18\$000
<i>Desdobramento</i> — Chronicas de Maria Eugénia Celso, Broch.	5\$000
<i>Circo</i> , de Alvaro Moreyra, Broch.	6\$000
<i>Canto da Minha Terra</i> , 2ª edição. O. Mariano Almas que soffrem. E. Bastos, Broch.	10\$000
<i>A Boneca vestida de arlequin</i> . A. Moreyra, Broch.	6\$000
<i>Cartilha</i> . Prof. Clodomiro Vasconcellos	1\$500
<i>Problemas de Direito Penal</i> . Evaristo de Moraes, Broch. 16\$000, enc.	20\$000
<i>Problemas e Formulario de Geometria</i> . Prof. Cecil Thiré & Mello e Souza	6\$000
<i>Grammatica latina</i> , de Padre Augusto Magne S. J., 2ª edição, Broch. 16\$000, enc.	20\$000
<i>Primeiras noções de latin</i> , de Padre Augusto Magne S. J. (Cart.) no prelo	
<i>Historia da Philosophia</i> , de Padre Leonel da Franca S. J., 3ª edição, enc.	12\$000
<i>Curso de lingua grega</i> , Morphologia, de Padre Augusto Magne S. J. (Cart.)	10\$000
<i>Grammatica da lingua hespanhola</i> , obra adoptada no Collegio Pedro II, de Antenor Nascente, professor da cadeira do mesmo collegio, 2ª edição, Broch.	7\$000
<i>Candido Borges Castello Branco (Cel.)</i> , <i>Vocabulario Militar</i> (Cart.)	2\$000
<i>Chimica elementar</i> , problemas praticos e noções geraes, pelo professor C. A. Barbosa de Oliveira, Vol. 1º (Cart.)	4\$000
<i>Problemas praticos de Physica elementar</i> , pelo Prof. Heitor Lyra da Silva, caderno 2º. Broch.	2\$500
<i>Problemas praticos de physica elementar</i> , pelo Prof. Heitor Lyra da Silva, caderno 3º. Broch.	2\$500
<i>Primeiros passos na Algebra</i> , pelo Professor Othello de Souza Reis (Cart.)	3\$000
<i>Geometria</i> , observações e experiencias, livro pratico, pelo Prof. Heitor Lyra da Silva (Cart.)	5\$000
<i>Accidentes no trabalho</i> , pelo Dr. Andrade Bezerra. Brochura	1\$500
<i>Esperança</i> — Poema didactico da Geographia e Historia do Brasil pelo Prof. Lindolpho Xavier (Dr.), Broch.	8\$000
<i>Propedeutica obstetrica</i> , por Arnaldo de Moraes (Dr.), 3ª edição, Broch. 25\$000, enc.	30\$000
<i>Exercícios de Algebra</i> , pelo Prof. Cecil Thiré Broch.	6\$000
<i>Miranda Valverde — Evoluções da Escripita Mercantil</i>	15\$000
<i>Moraes — São Maternidade</i>	10\$000
<i>Celso Vieira — Anchieta</i>	16\$000
<i>Wanderley — Album Infantil</i>	6\$000
<i>Anesi — Physiologia Cellular</i>	8\$000
<i>Alvaro Moreyra — Adão e Eva</i>	8\$000
<i>A. Magne — Selecta Latina</i> , Broch. 12\$000, enc.	15\$000
<i>Renato Kehl — Livro do chefe de Familia</i> , enc.	25\$000
<i>Heitor Pereira, Anthologia de Autores Brasileiros</i>	10\$000
<i>Problemas praticos de Physica elementar</i> , pelo Prof. Heitor Lyra da Silva, caderno 1º. Broch.	3\$000

MODA E BORDADO

E' uma revista
para o lar

Colaborada
pelos
grandes
creadores
da
moda
parisiense

Pedidos do in-
terior ao Gerente
de "Moda e Bor-
dado"

Caixa Postal 880

Rua da Quitanda,
7 — RIO

acompanhadas
de 8\$000

Ensinamentos completos

Sobre trabalhos de
agulhas e à máquina
com desenhos em tama-
nho de execução. Os
mais apreciados traba-
lhos de bordados. Mais
de 100 modelos em co-
res variadas de vestidos
de fácil execução. Ves-
tidos de noiva, de bai-
le, passeio, luto e casa,
lindos modelos de rou-
pas para crianças. Cos-
tumes e casacos. Res-
pas brancas, e roupas de
interior.

Conselhos sobre
beleza, estética e
elegância

Receitas de deli-
ciosos doces e de
finos pratos ece-
nómicos.

E' vendida em to-
das as livrarias e
bancas de jornais
do Brasil.

Preço das assi-
naturas:

Mensal . . . 16\$

Ano 120\$ 800

SACHS